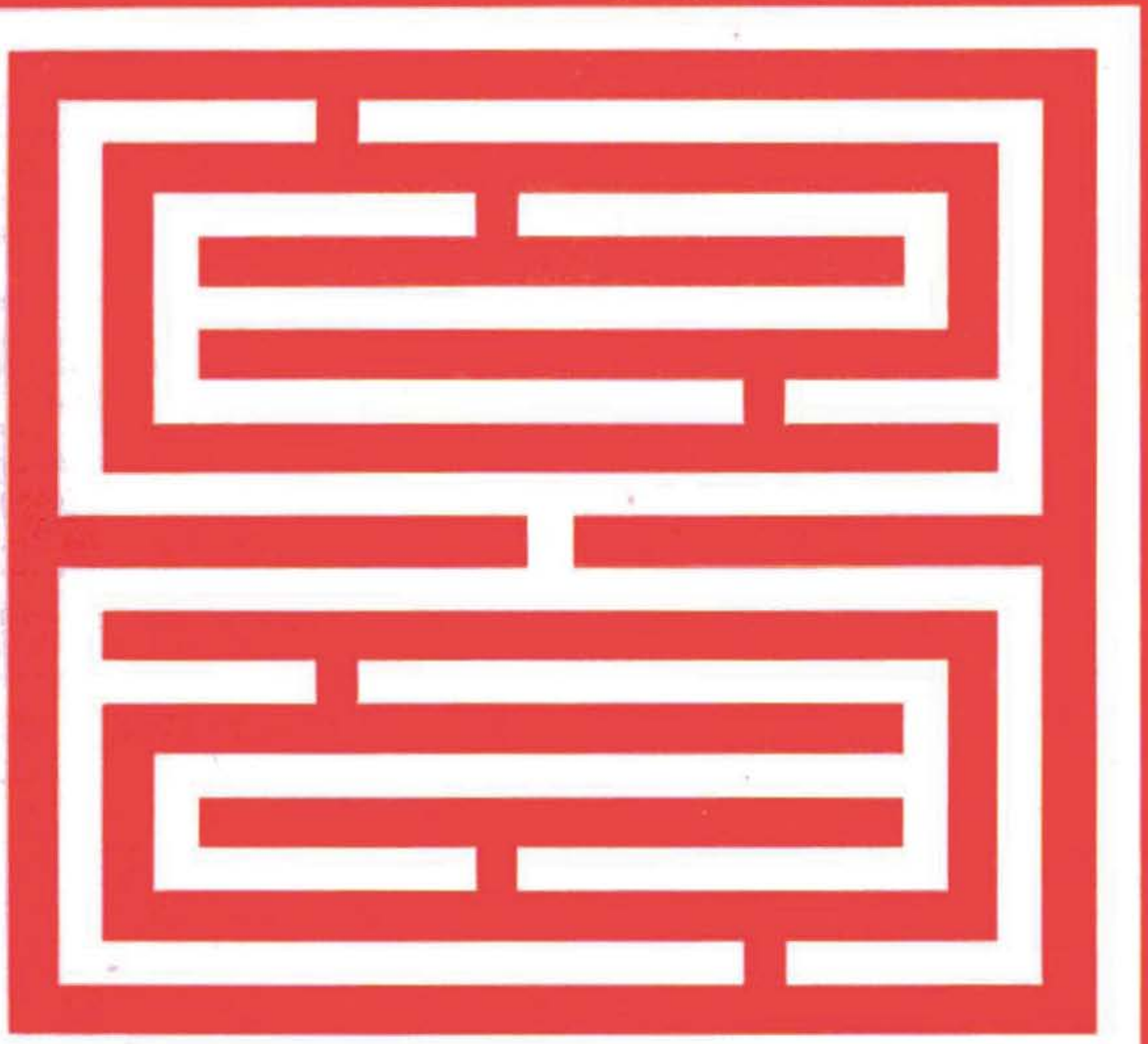
convergência

OUT — 1989 — ANO XXIV — Nº 226



- **O PROJETO PALAVRA-VIDA. A LEITURA FIEL DA BÍBLIA** — Frei Carlos Mesters, Carmelita — página 451
- **NE NA AL: UMA NOVA PEDAGOGIA DA FÉ** Inês Broshuis — página 468

CONVERGÊNCIA
Revista da
Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB

Diretor-Responsável:
Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:
Pe. Ático Fassini, MS
Pe. Cleto Caliman, SDB
Ir. Delir Brunelli, CF
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1989

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea	NCz$ 19,85
Exterior: marítima.....	US$ 38,00
aérea	US$ 48,00
Número avulso	NCz$ 1,98

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa capa

Quer ser, figurativamente, o esboço da idéia de um labirinto, ou seja, coisa confusa, enigmática, enredada, tortuosa. Examinando, verá: este nosso destaque seletivo, mais do que arte, é artifício. **Convergência** é a revista da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. E a CRB objetiva promover e animar a **Vida Religiosa**. Com generosidade semântica e imaginária, Você descobre, então, que o pensamento pressuposto como subjacente nesta figuração mental e em seu encadeamento com CRB, suas finalidades entitativas e CONVERGÊNCIA é este: **se a Vida Religiosa, humanamente, pode se aparentar com um labirinto**, a CRB e sua revista querem apontar na direção da saída. As ciências, como parte da solução, enriquecem e aliviam a VR mas não a livram de navegar, na escuridão, pois nunca tornam o seu REAL plenamente transparente à razão. Há uma irredutibilidade sem haver incompatibilidade. A VR envolve mistérios mas não comporta nenhum fantasma irreal ou impossível. Para quem tem FÉ, o próprio mistério engrandece a razão. A obscuridade tem sempre algo de grandioso. Pelos caminhos humanos da VR, quando iluminados pela FÉ, vão se formando linhas de predominância que dão ao enredado a direção dos fios e mapeiam os pontos referenciais que indicam a força de um projeto em sua globalidade e o tropismo imbatível para a luz da saída. **Convergência**, em 1989, quer lhe ajudar nesta perspectiva, aprofundando e ampliando a certeza de que só pela FÉ se pode abraçar as propostas da Cruz, as aporias do Reino e os paradoxos da VR. Só pela FÉ se pode manifestar paz na consciência do mistério e serena convivência com ele. Deus confirme, com sua bênção, nossos propósitos (**Pe. Marcos de Lima, SDB**).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL..... 449

PROJETO PALAVRA-VIDA.
A LEITURA FIEL
DA BÍBLIA DE ACORDO
COM A TRADIÇÃO E
O MAGISTÉRIO DA IGREJA
Frei Carlos Mesters, Carmelita..... 451

NOVA EVANGELIZAÇÃO
NA AMÉRICA LATINA:
UMA NOVA PEDAGOGIA DA FÉ
Inês Broshuis..... 468

EXPRESSÕES RELIGIOSAS
POPULARES E A
NOVA EVANGELIZAÇÃO
Pe. Valdeli Carvalho da Costa, SJ 479

VIDA RELIGIOSA,
CIVILIZAÇÃO PLANETÁRIA
E CULTURA DE MASSAS
Pe. Martinho Lenz, SJ..... 499

EDITORIAL

Às vésperas da eleição presidencial, após quase três décadas, parar é preciso para discernir corretamente qual a melhor candidatura-programa se deve apoiar. Toda eleição desse porte é um gesto político do maior significado e responsabilidade. Sobretudo a próxima, pois, mais do que nunca o futuro do país está em jogo. Seus rumos. Sua verdade. Sua caminhada histórica e a vida de todos nós, concidadãos da mesma pátria.

Ao novo Presidente da nação caberá a tarefa de recuperar urgentemente a viabilidade de nosso país, potencialmente grande mas desgraçadamente malbaratado. Há prioridades inadiáveis nessa perspectiva, a serem sem tardança concretizadas para que o povo recupere a confiança em si mesmo e em seus líderes. Prioridades que o Presidente eleito deverá, como administrador supremo dos anseios nacionais, assumir e incrementar. Prioridades que deverão ser implementadas pelo Congresso Nacional como legislador, para a salvaguarda do direito, do bem comum, da cidadania plena.

Em notável documento intitulado "Apelo ao Congresso Nacional", de 28 de junho de 1989, entregue às lideranças do Senado e da Câmara, os Srs. Bispos da Presidência e da Comissão Episcopal de Pastoral assinalam os óbices existentes à consecução da nova ordem democrática e os fundamentos éticos da mesma. E clarividentemente apontam as prioridades que Legislativo e Executivo de nosso país devem assumir e tornar realidade para que o Brasil volte a ser um país viável, casa feliz de todos nós. Esse documento se situa como desdobramento de outro, aprovado pela última Assembléia da CNBB, em abril de 1989: "Exigências éticas da ordem democrática".

Por sua vez, o Conselho Nacional das Igrejas Cristãs (CONIC) e a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), com o assessoramento do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), por seus representantes reunidos em "Consulta Nacional sobre a Dívida Externa", no Rio de Janeiro, publicaram a 30 de março de 1989, a Declaração "Igrejas e a Dívida Externa". O documento é claro, firme e pertinente na análise dos fatos e na indicação dos rumos a serem seguidos para a solução desse imenso entulho para a economia brasileira.

Esses três documentos acendem luzes indicadoras do caminho do futuro do país. É direito nosso e de todo o cidadão exigir que nosso governo se paute por esses valores e pistas.

Esses documentos ainda, servirão a todos nós, Religiosas e Religiosos, no discernimento do melhor candidato-programa a ser por nós apoiado nesse evento magno de nossa vida política: a eleição presidencial de 15 de novembro próximo.

Deus permita possamos acertar em cheio!

Pe. Atico Fassini, MS

NOVA EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA NO BRASIL

Publicações CRB — 1989 — Páginas: 228

— Em poucas palavras: de que trata este livro?

Você encontra o exato objeto deste volume em seu próprio título. *Nova,* aqui, significa: o desejo intenso daquilo que estava nas origens e que o pecado impediu e vem impedindo de realizar-se. *Evangelização* para dizer: a transformação pelo poder do Espírito. A Deus pertence a iniciativa de toda Evangelização, assim entendida (Jo 15,5).

— E a Vida Religiosa forte, ativa e realizadora, onde fica?

A VR é especial manifestação do Espírito na Igreja. A força, portanto, de qualquer ação evangelizadora, intermediada por ela, está em saber relativizar a própria força. Nenhuma Evangelização se fará NOVA pela sofisticação metodológica da criatividade empreendedora dos Religiosos, mas pela disponibilidade incondicional ao que o Espírito diz hoje à Igreja (Apc 3,22).

— A Nova Evangelização é, pois, CRER só na ação de Deus?

Sim, sem dúvida alguma. Crer e AGIR em conseqüência. A ação de Deus é a semente. A ação do homem é a terra. Os frutos não vêm da terra, mas da semente. Mas a semente sem a terra permanece o que é: semente, potencialidade. Revela-se, assim, na Evangelização, a mutualidade, em nível profundo, da interação misteriosa e real de Deus e do homem. Nada se faz SÓ por nosso esforço. Mas não se dispensa, também, o nosso empenho.

— Afinal, quem faz NOVA a Evangelização?

"Eis que faço NOVAS, todas as coisas" (Apc 21,5). A Evangelização é uma parceria SINGULAR de Deus e do homem. Deus doa, protege e dá a capacidade de acolher, assimilar e multiplicar. Adquira *Nova Evangelização e Vida Religiosa no Brasil.* Nele encontrará uma consistente Teologia para uma Evangelização Nova, ou seja, uma iluminação de sua pessoa e de sua ação com os reflexos da luz da Palavra de Deus. (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

O PROJETO PALAVRA-VIDA

A LEITURA FIEL DA BÍBLIA DE ACORDO COM A TRADIÇÃO E O MAGISTÉRIO DA IGREJA

A leitura da Bíblia devolve o olhar
da contemplação que nos foi roubado pelo pecado.

Frei Carlos Mesters, Carmelita

Introdução: Interpretação e fidelidade

1. Interpretar é possibilitar a comunicação entre duas pessoas que querem dialogar. É fazer com que a palavra de uma seja traduzida para a língua da outra. Por isso, o intérprete deve ser fiel às *duas* pessoas que querem dialogar: à palavra da Bíblia, através da qual Deus nos fala, e ao povo que hoje escuta a Palavra de Deus com a ajuda da Bíblia. "Entre estas duas fidelidades, a fidelidade ao Verbo Encarnado e a fidelidade ao homem de hoje, não pode e não deve existir nenhuma contradição" (Paulo VI) (1). Na realidade, porém, esta dupla fidelidade, está suscitando graves problemas e suscitando muita contradição.

2. A Nota da Congregação Romana para a Vida Religiosa de 3 de abril de 1989, referente ao Projeto "Palavra-Vida" (2), diz: "Consideramos que o Projeto "Palavra-Vida" nas suas linhas gerais e na metodologia bíblica usada falta às mais elementares normas hermenêuticas de leitura da Sagrada Escritura, segundo a Constituição *Dei Verbum*, como são a atenção à Tradição e ao Magistério da Igreja, já que "a Tradição, a Escritura e o Magistério da Igreja, segundo o plano prudente de Deus, estão unidos e ligados de tal modo que um não pode subsistir sem os outros" (DV 10; cfr DV 8, 9, 12)". Além disso, a mesma Nota afirma: "Julgamos que no dito Projeto, tal como está redigido, se faz uma apresentação unilateral e reducionista da Palavra de Deus, em função da mudança sócio-econômico-política do povo e do marginalizado". E para confirmar esta opinião, cita a seguinte frase do Projeto: "A certeza maior que a Bíblia nos comunica é esta: Deus escuta o clamor

do seu povo oprimido. Ele está presente na vida e na luta deste povo e o ajuda em sua libertação". (pág. 16). (O texto do Projeto diz *história*, a Nota transcreve *luta*.) Diz ainda que, no Projeto, "se dá uma visão da história da salvação que não corresponde à vontade e ao desígnio de Deus (cfr DV 2)". Finalmente, conclui: "Falta a apresentação central do mistério de Jesus Cristo como Salvador, que domina todo o projeto evangélico e todo o magistério do Vaticano II".

3. São acusações muito graves! As mesmas foram repetidas nos jornais contra a interpretação popular, contra o trabalho do CEBI e contra o Comentário Ecumênico da Bíblia. São três os pontos principais da acusação: 1. leitura reducionista da Palavra de Deus e da História da Salvação; 2. não leva em conta a Tradição e o Magistério; 3. não dá o lugar central a Jesus Cristo. Neste artigo queremos expor o que o Projeto "Palavra-Vida" entende por fidelidade à Tradição e ao Magistério. Fazemos isto para esclarecer, pois até agora não houve diálogo. Não vamos entrar em polêmica nem na defesa. A interpretação que o povo faz da Bíblia é "Flor sem defesa". Como diz a poesia: "Flor, que transformas o sangue em adubo! És mais forte que a mão que te corta! Mais duradoura que a idéia que te define! Mais nítida que a pintura que retrata o teu rosto! Já cresce no mundo o medo de ti, Flor sem defesa!"

4. A fidelidade à Igreja, à Tradição e ao Magistério é tão importante para a interpretação da Bíblia quanto a raiz para a árvore. Sem ela, a árvore morre. Mas raiz é para ficar debaixo da terra. Não aparece, e nem deve aparecer! É como a respiração. Sem ela, a pessoa morre. Porém, não é bom nem recomendável, em cada respiração, dizer: "Estou respirando!" Não é pelo fato de o intérprete citar ou não citar a Tradição e o Magistério que a sua interpretação é fiel ou infiel. O importante não é citar, mas sim obedecer (cf Mat 21,28-32).

5. O que vamos expor aqui são coisas muito simples. São as normas hermenêuticas mais elementares da leitura cristã da Bíblia, que nos vem da Tradição e do Magistério e convergem na Constituição *Dei Verbum*: Estas normas estão na raiz do Projeto "Palavra-Vida". O fato de serem exatamente *dez* normas tem finalidade apenas didática. Facilita a memorização e ajuda a assimilação.

1. Crer que a Bíblia é palavra de Deus

6. Esta fé é o ponto de partida para tudo. É o que mais caracteriza a leitura popular da Bíblia. É a porta de entrada. Sem ela, o povo já não teria mais nenhum interesse pela Bíblia. A Bíblia é Palavra de Deus porque foi inspirada por Deus (2 Tim 3,16). Deus é o seu Autor (DV 11) (3).

7. Por ser Palavra Deus, a Bíblia tem autoridade. Junto com a Tradição, ela é a suprema regra da fé (DV 21). A Palavra de Deus está na raiz da Igreja. A Igreja, a

Comunidade, dela depende como a água da sua fonte. "O Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas a seu serviço"; deve auscultá-la e guardá-la para poder expô-la fielmente (DV 10).

8. Por ser Palavra de Deus, a Bíblia nos transmite "fielmente e sem erro a verdade que Deus quis que fosse consignada por escrito para a nossa salvação" (DV 11). Por isso, a Igreja, a Comunidade, procura nela uma luz para guiar os passos do Povo de Deus no caminho da salvação e da libertação. Pois a Palavra de Deus não está só na Bíblia. Deus fala também pela vida, pela natureza, pela história (4).

9. Por ser Palavra de Deus, a Bíblia tem uma força poderosa para realizar o que transmite. "Tão grande é a virtude poderosa que se encerra na Palavra de Deus que ela constitui sustentáculo vigoroso para a Igreja, firmeza na fé para seus filhos, alimento da alma, perene e pura fonte da vida espiritual" (DV 21). E isto está acontecendo hoje, sobretudo nas Comunidades cristãs dos pobres.

10. Por ser Palavra de Deus, inspirada por Deus, a Bíblia, quando "lida e interpretada naquele mesmo Espírito em que foi escrita" (DV 12), comunica o Espírito aos que a lêem com fé. A *Lectio Divina* (5) faz com que o modo de pensar de Deus se torne o nosso modo de pensar. Ou seja, ela ajuda a quebrar em nós as falsas ideologias que mantêm prisioneira a Palavra de Deus, pois ela nos "comunica o conhecimento de Deus e do homem e o jeito pelo qual o justo e misericordioso Deus trata com os homens" (DV 15). A *Lectio Divina* realiza tudo aquilo de que fala São Paulo nas suas cartas: "comunica a sabedoria que leva à salvação pela fé em Jesus Cristo" (2 Tim 3,15); "é útil para instruir, refutar, corrigir e formar na justiça" (2 Tim 3,16). Comunica "perseverança e consolação" (Rom 15,4) e serve como "exemplo e instrução para nós que vivemos no fim dos tempos" (1 Cor 10,6.11).

2. É palavra de Deus em linguagem humana

11. Pelo mistério da Encarnação, a Palavra de Deus assume as características e formas da linguagem humana. Jesus é igual a nós em tudo, menos no pecado. Assim, a linguagem usada por Deus para comunicar-se conosco na Bíblia é igual à nossa linguagem em tudo, menos no erro e na mentira (6). A Palavra de Deus não é uma palavra distante, alienada, subtraída ao curso da história. "Na Sagrada Escritura Deus falou através de homens e de modo humano" (DV 12).

12. Por ser Palavra de Deus, a Bíblia deve ser interpretada com a ajuda dos critérios próprios da fé (DV 12) (7). Mas por ser Palavra de Deus em linguagem humana, deve ser interpretada também com a ajuda dos critérios que se usam para interpretar a linguagem humana (DV 12) (8). As Encíclicas "Providentissimus Deus" (Leão XIII, 1893) e "Divino Afflante Spiritu" (Pio XII, 1943) foram as

que mais animaram os exegetas católicos nesta direção.

13. Desde o começo deste século, os intérpretes usam, com muito proveito, os métodos da crítica literária, da pesquisa histórica, da etnologia, da arqueologia, da paleontologia e de outras ciências (Pio XII, 20). Mais recentemente, sob a pressão dos problemas que questionam a fé do povo, sobretudo aqui na América Latina, eles aplicam também os métodos de análise das ciências sociais. Alguns destes métodos têm pressupostos filosóficos contrários à fé cristã. O seu uso, porém, no dizer de João Paulo II, não implica a aceitação destes pressupostos. Pelo contrário, tais métodos podem ser muito úteis na descoberta do sentido da Bíblia (João Paulo II) (9).

14. "A grande variedade dos métodos pode, por vezes, dar a impressão de uma certa confusão. Mas também tem a vantagem de nos fazer perceber a riqueza inesgotável da Palavra de Deus" (João Paulo II, ibid.). "Todo método tem os seus limites". Reconhecer estes limites faz parte do espírito científico. O exegeta crente deve ter consciência da relatividade das suas pesquisas científicas. Esta modéstia garante a autenticidade da sua interpretação e mantém a sua exegese a serviço da evangelização (João Paulo II, ibid.).

3. Deus se revela a si mesmo na sua palavra

15. "Pela Revelação divina quis Deus manifestar-se e comunicar-se a si mesmo e os decretos eternos da sua vontade acerca da salvação dos homens, a saber, para fazer participar os bens divinos, que superam inteiramente a capacidade da mente humana" (DV 6). Assim, antes de ser um catálogo de verdades, a Bíblia é a manifestação da graça, do amor e da misericórdia de Deus para conosco (DV 2). Ele nos amou primeiro! (1 João 4,19). O objetivo principal da Bíblia e da sua interpretação é ajudar o povo a descobrir a presença amiga e gratuita deste Deus e experimentar o seu amor libertador.

16. Para os pobres e oprimidos, esta revelação divina significou, desde o início, que Deus se inclinou e chegou perto para escutar o seu clamor, caminhar com eles; estar com eles na sua aflição e libertá-los do cativeiro (cf. Ex 3,7-8; Sl 91,14s). Por isso, muito adequadamente, o Projeto "Palavra-Vida" diz: "A certeza maior que a Bíblia nos comunica é esta: Deus escuta o clamor do seu povo oprimido. Ele está presente na vida e na história deste povo e o ajuda em sua libertação" (p. 16). Este é o cerne de toda a revelação, expresso no Nome *Jahweh*, Deus-Conosco.

17. A revelação que Deus faz de si ao povo sofredor realiza-se progressivamente através da história (DV 2 e 14). De todos os períodos da história, o êxodo foi o que mais marcou a consciência e a memória do Povo de Deus. Marcou tanto, que o Novo Testamento chegou a usar imagens e temas do êxodo para expressar o significado de Jesus para a vida. Esta mesma importância do êxodo transparece até hoje na liturgia da Semana Santa. Por

isso, o Projeto "Palavra-Vida", ao dar um certo destaque ao êxodo, não inova nem se desvia, mas apenas imita o Novo Testamento.

18. A leitura da Bíblia funciona como colírio. Vai limpando os olhos, devolve o olhar da contemplação que nos foi roubado pelo pecado (St. Agostinho) (10), e nos torna capazes de tirar o véu dos fatos para experimentar neles a presença libertadora de Deus: "Hoje, se vocês pudessem ouvir a sua voz!" (Sl 95,7). É isto que está acontecendo nas Comunidades Eclesiais de Base: uma verdadeira experiência do Deus vivo, que surgiu de dentro da caminhada do povo na medida em que esta foi sendo iluminada pela leitura fiel da Bíblia.

19. Esta revelação e experiência de Deus são fruto, ao mesmo tempo, da graça de Deus e do esforço do povo que caminha e luta. De um lado, a revelação divina provoca colaboração e participação e exige observância da Aliança. De outro lado, ela "faz participar dos bens divinos que superam inteiramente a capacidade da mente humana" (DV 6). Eficiência e gratuidade, luta e festa, natureza e graça, ambos se misturam na unidade conflitiva da caminhada do Povo de Deus.

20. Revelação pública, além da que houve no povo de Israel e em Jesus, não haverá mais antes da vinda de Jesus (DV 4). Mas esta revelação, realizada no povo de Israel e descrita no Antigo e Novo Testamento, tornou-se experiência-modelo, *cânon* ou norma. Ela faz saber como Deus está presente e se revela nas histórias de todos os povos. Ela nos revela a "economia da salvação" (DV 14), o Projeto de Deus, "os decretos eternos da sua vontade acerca da salvação dos homens" (DV 6).

21. Na história da Igreja, o Magistério condenou várias vezes os que afirmavam existir uma diferença entre o Deus do Antigo Testamento e o Deus do Novo Testamento (EB 28 e 30) (11). É o mesmo Deus que se revela em ambos! Porém, a plenitude da Revelação de Deus se fez em Jesus Cristo (DV 4).

4. Jesus é a chave principal da Sagrada Escritura

22. É uma verdade sempre repetida por toda a Tradição e constantemente ensinada pelo Magistério. Jesus é o centro, a plenitude e o objetivo da revelação que Deus vinha fazendo de si desde Abraão e desde a Criação (DV 2.3.4.15. 16.17). Isto não quer dizer que o Antigo Testamento ficou superado. Pelo contrário! O Antigo Testamento nos revela as intenções de Deus (DV 14), ajuda a conhecer o Pai de Jesus Cristo (DV 2.3.4. 15) e ensina como se preparar para a vinda de Jesus. "Os livros todos do Antigo Testamento adquirem e manifestam sua completa significação no Novo Testamento e, por sua vez, o iluminam e explicam" (DV 16).

23. Sem o Antigo Testamento, nem daria para entender todo o significado de Jesus para a vida. Pois os principais títulos, dados a

ele no Novo Testamento, vêm todos do Antigo Testamento: Senhor, Cristo, Servo, Filho do Homem, Profeta, Sumo Sacerdote, Filho de Deus. O próprio Jesus usa expressões, frases e temas do Antigo Testamento para revelar o significado da sua missão e ensinamento. Por exemplo: "Antigamente foi dito..., mas eu lhes digo..." (Mt 5,21-48); "Completou-se o tempo, o Reino de Deus chegou" (Mc 1,16); "O Espírito do Senhor está sobre mim e ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres" (Lc 4,18). Os primeiros cristãos chegavam a dizer que Jesus já estava escondido no Antigo Testamento: "A pedra era Cristo!" (1 Cor 10,3-4). Diziam que Jesus era o Sim do Pai a todas as promessas do Antigo Testamento (cf. 1 Cor 1,20). Resumindo: era no Antigo Testamento que eles procuravam a carteira de identidade de Jesus. Deste modo, mais ou menos a metade do Novo Testamento é citação, evocação ou interpretação do Antigo Testamento! O Novo Testamento é o fruto que nasceu da interpretação do Antigo, feita à luz da experiência que os Cristãos tinham de Jesus Cristo, vivo no meio das Comunidades.

Esta presença escondida de Cristo no Antigo Testamento, só a enxerga quem se converte para Cristo (2 Cor 3,16). A experiência viva de Jesus na Comunidade é a luz nova nos olhos dos Cristãos para poder entender todo o sentido do Antigo Testamento e da sua própria história (DV 16). Tudo isto tem uma atualidade muito grande para nós:

25. Em primeiro lugar, Jesus, à luz do qual devemos ler o Antigo Testamento, não é uma teoria, uma idéia, nem alguém só do passado que já não existe mais. Mas é o Cristo vivo, hoje, na Igreja, nas Comunidades, aqui na América Latina, animando a fé do povo. Ou seja, ler o Antigo Testamento à luz do Novo não quer dizer que se deva falar constantemente *sobre* Jesus. Mas quer dizer, em primeiro lugar, que se deve falar *a partir* de Jesus, a partir da fé iluminadora de que Ele está vivo hoje no meio de nós. Cristo está como que do nosso lado, olhando conosco para o Antigo Testamento, clareando-o com a sua luz e ajudando-nos a entendê-lo. Esta atitude interpretativa, que coloca Cristo no centro de tudo, está bem clara na introdução do Projeto "Palavra-Vida" (12).

26. Em segundo lugar, não se trata só de descobrir como os primeiros cristãos souberam encontrar as figuras de Jesus no Antigo Testamento (DV 15). Trata-se, em primeiro lugar, de ser alunos dos primeiros cristãos e de fazer hoje o que eles fizeram, a saber: descobrir como o *nosso* antigo testamento, isto é, a nossa história, está sendo empurrada, escondidamente, pelo Espírito de Jesus para a plenitude da ressurreição; descobrir como "o significado da Sagrada Escritura pode ser relacionado com o presente momento salvífico" (Paulo VI, aos professores de Sagrada Escritura, 1970). Pois, o Novo está latente no Antigo, e o Antigo se aclara no Novo (DV 16). Existe um dinamismo dentro da história humana, vindo do próprio Criador, que criou

tudo para Cristo (Ef 1,4; Col 1,16). Por isso, o Projeto "Palavra-Vida" insiste tanto na história dos povos da América Latina.

27. Em terceiro lugar, aparece aqui a importância da exegese dos Padres da Igreja. Eles procuravam descobrir o fruto do *Espírito* debaixo das folhas da *Letra* (S. Jerônimo). Isto é, eles procuravam descobrir como os textos antigos da Bíblia iluminavam a presença viva de Cristo, a situação da Comunidade e a vida de cada cristão. Faziam interpretação *simbólica* (sumballo), isto é, sabiam unir vida e fé, Antigo e Novo Testamento, ontem e hoje, a história da Bíblia e a própria história.

5. Aceitar a lista completa dos livros inspirados

28. Existem duas listas de livros inspirados: a lista judaica que compreende só os livros do Antigo Testamento, e a lista cristã que compreende os livros do Antigo e Novo Testamento. (Existe ainda uma divergência menor entre a lista dos católicos e dos protestantes.) Aceitar a lista completa é aceitar a unidade dos dois Testamentos (DV 16) e ler o Antigo Testamento a partir do Novo (DV 16).

29. A lista completa da Igreja Católica foi definida no Concílio de Florença em 1441 (cf. EB 47) e, mais tarde, no Concílio de Trento em 1546 (cf. EB 57-59). Na formulação da definição, o Concílio diz que se deve aceitar como inspirados "todos os livros tanto do Antigo como do Novo Testamento com todas as suas partes" (EB 60, DV 11). Isto significa que ninguém tem o direito de excluir nenhum texto, livro ou Testamento. Só aos Evangelhos cabe uma certa primazia (DV 18).

30. De acordo, porém, com as circunstâncias e os problemas, privilegia-se sempre um ou outro texto, livro ou Testamento. Por exemplo, os 16 Documentos do Concílio Vaticano II citam a Bíblia 1.333 vezes, das quais só 88 são do Antigo Testamento e 1.245 do Novo (13). Sem dúvida, o Concílio privilegiou o Novo Testamento e, dentro do Novo, privilegiou as cartas de Paulo. Uma das acusações contra o Projeto "Palavra-Vida" e contra a leitura popular da Bíblia é que privilegiam o Antigo Testamento e, dentro do Antigo, privilegiam o Êxodo. Além de não ser verdadeira, tal acusação não contém nada de errado. O Projeto "Palavra-Vida" estaria apenas imitando o Magistério (14). Estatísticas, porém, já mostraram que o povo das Comunidades, de acordo com as circunstâncias e os problemas, lê *todos* os livros da Bíblia. Não exclui nenhum. O mesmo vale para o Projeto "Palavra-Vida".

31. Nesta 5ª norma não se trata apenas de uma questão teórica do passado. *Aceitar a lista completa dos livros inspirados* significa aceitar que uma e mesma economia divina une os dois Testamentos num único Projeto de salvação e de libertação, projeto que só se revela plenamente na medida em que o *Antigo* passa a ser *Novo*. A pas-

sagem do Antigo para o Novo começou no momento da Ressurreição de Jesus e ainda não terminou. A cada momento novos povos e novas pessoas vão entrando no "Caminho" (At 9,2). Esta passagem (páscoa) do Antigo para o Novo envolve tudo e todos, pois tudo foi criado por Deus para Cristo. Assim, cada pessoa, grupo, comunidade, povo ou nação tem o *seu* antigo testamento e deve fazer a *sua* passagem para o Novo, isto é, deve aprofundar a sua vida até descobrir, na sua raiz, a presença amiga e gratuita de Deus, empurrando tudo para Cristo e a sua ressurreição. A Bíblia com seus dois Testamentos é a norma, o *cânon*, dado por Deus, para nos ajudar no discernimento e na realização desta nossa passagem (páscoa) de salvação e de libertação.

6. A Bíblia é o livro da Igreja

32. Na Igreja existe a Palavra de Deus e o Corpo de Deus (DV 21). Quando o povo se reúne em torno da Palavra de Deus, ele como que forma um pequeno santuário. É o templo vivo de que falava São Paulo (Ef 2,21; cf. 1 P 2,5). Os inúmeros santuários que hoje, assim, se espalham pela América Latina, sobretudo entre os pobres, são as pontas finas e frágeis da raiz que dão força e vigor à árvore da Igreja. Nestes pequenos santuários, o povo lê e interpreta a Bíblia como sendo o livro da Comunidade, da Igreja.

33. O Projeto "Palavra-Vida", com uma certa freqüência, usa o termo *Comunidade* em vez de *Igreja*. Por exemplo, quando diz: A leitura da Bíblia deve ser feita em comunidade" (p. 16). Isto não quer dizer que o Projeto reduz a Igreja Universal ao tamanho da pequena comunidade particular ou local. É o contrário. "É o fé da Igreja universal que se vive e se exprime concretamente em suas comunidades particulares. Uma comunidade particular concretiza em si mesma a fé da Igreja universal e deixa de ser comunidade privada e isolada; supera sua própria particularidade na fé da Igreja total" (Puebla 373) (15).

34. Interpretar a Palavra de Deus não é a atividade individual de uma só pessoa que estudou um pouco mais do que as outras, mas é uma atividade comunitária, em que todos participam, cada um a seu modo. Juntos, descobrem a vontade de Deus através da leitura e da meditação da Palavra de Deus. O exegeta, como todo mundo, participa com a sua parte (muito importante) e coloca-se a serviço da comunidade (DV 12) (16). Deste modo, aos poucos, surge e cresce um sentido comum, aceito e partilhado por todos. É o "sensus ecclesiae", o "sensus fidelium", o "sentido de fé da Igreja", com o qual a comunidade se compromete como se fosse com o próprio Deus.

35. O "sentido de fé da Igreja" não é, em primeiro lugar, o ensinamento dado pelos pastores aos fiéis, mas sim a grata descoberta da presença amiga do Deus vivo, pois, "levado por seu grande amor, Deus fala aos homens como a amigos, entretendo-se com eles e con-

vidando-os à participação de sua intimidade" (DV 2). O sentido de fé que a Igreja vai descobrindo na Escritura é como um rio imenso. Nasce bem pequeno naqueles humildes "santuários", espalhados pela periferia do mundo. Os afluentes se juntam, formando os riachos. As comunidades, coordenadas pelos seus pastores, se encontram e partilham entre si a sua fé, a sua maneira de ler e entender a Palavra de Deus. As Comunidades da América Latina, representadas pelos seus pastores, reuniram-se em Medellín e Puebla e lá expressaram qual a vontade de Deus para nós, hoje, aqui neste Continente. O mesmo fizeram as comunidades do mundo inteiro. Convocadas pelo Papa João XXIII e representadas pelos seus legítimos pastores, reuniram-se em Roma no Concílio Vaticano II. Nos 16 Documentos conciliares expressaram qual a vontade de Deus que descobriram, à luz da Palavra de Deus, para os cristãos do mundo inteiro. Assim vai crescendo o "sentido de fé da Igreja".

36. Este "sensus ecclesiae", fielmente guardado e transmitido sob o olhar vigilante do Magistério, é o espaço dentro do qual se deve ler e interpretar a Bíblia. É o quadro de referências, nascido da própria meditação comunitária da Palavra de Deus, que nos permite entender o sentido da Bíblia para nós hoje.

37. Interpretar a Bíblia de acordo com a Tradição e o Magistério exige não só uma identificação teórica com a doutrina da Igreja, mas também e sobretudo uma identificação prática com a vida da Igreja. Exige que o intérprete se ligue, bem concretamente, a uma comunidade. Pois, normalmente, é através da vivência na comunidade que se entra em contato com a ação do Espírito Santo, vivo e presente na Igreja. Sem este Espírito é impossível interpretar corretamente a Sagrada Escritura (DV 12).

38. "A Tradição, a Escritura e o Magistério estão de tal maneira entrelaçados e unidos que um perde a sua consistência sem os outros e que, juntos, cada qual a seu modo, sob a ação do Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas" (DV 10). Esta união entre os três não é automática nem mágica. Como a união de Jesus com o Pai, ela se realiza através da obediência por vezes dolorosa (cf. Heb 5,8; Fil 2,8; João 4,34; 8,28-29). O magistério, antes de pedir obediência aos súditos, deve ele mesmo obedecer e estar bem unido à Tradição e à Escritura. Em seguida, pode e deve pedir esta mesma obediência dos súditos, pois "exerce a sua autoridade em nome de Jesus Cristo" (DV 10). Mas não pode organizar a doutrina de tal maneira que a profecia, o novo que questiona, se torne sinônimo de heresia ou de rebeldia. A obediência não exclui que possa e deva haver sempre um Paulo a questionar Pedro (cf. Gál 2,14).

39. "O ofício de declarar autenticamente a Palavra de Deus, escrita ou transmitida, foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja" (DV 10). Este ofício foi exercido só poucas vezes. Não são muitos os textos cujo sentido foi declarado autenticamente pelo Ma-

gistério. Isto não quer dizer que, na interpretação dos outros textos, o intérprete não precise levar em conta a fé da Igreja. O papel da Igreja e do Magistério na interpretação da Bíblia não consiste só em declarar autenticamente o sentido de um ou outro texto controvertido da Bíblia. O seu papel é mais amplo: estimular e animar a leitura da Sagrada Escritura, defendê-la contra possíveis desvios, mantê-la dentro dos rumos da Tradição e do objetivo da própria Palavra de Deus, difundi-la entre o Povo de Deus, a ponto de ela tornar-se o alimento diário de todos os fiéis (cf. DV 21-25) (17).

40. Sendo assim, o Magistério pode olhar com gratidão para o fenômeno mais marcante da história das igrejas na América Latina: os pobres estão lendo a Bíblia em comunidade, a partir da sua fé e da sua realidade, encontram nela luz e força para a sua caminhada e luta e, baseando-se nela, estão denunciando e corrigindo muita coisa errada na sociedade, na igreja e na família. Além disso, os religiosos da América Latina resolveram aprender dos pobres e lançaram o Projeto "Palavra-Vida". Tudo isto só pode ser motivo de alegria e ação de graças e não de suspeita e condenação.

7. Levar em conta os critérios da fé

41. Não basta a razão para descobrir todo o sentido da Bíblia. "A Sagrada Escritura também deve ser lida e interpretada naquele mesmo Espírito em que foi escrita" (DV 12). Para alcançar este objetivo, é necessário levar em conta os critérios próprios da fé cristã que são três: "Atender com diligência ao conteúdo e à unidade de toda a Escritura, levada em conta a Tradição viva da Igreja toda e a analogia da fé" (DV 12). Os três têm o mesmo objetivo: descobrir o sentido pleno da Bíblia, impedir que o seu sentido seja manipulado e evitar que o texto seja isolado do seu contexto e da tradição que o gerou e transmite. Vejamos os três:

42. *"Atender ao conteúdo e à unidade de toda a Escritura"*. Este critério mostra a importância de se ter uma visão global de toda a Bíblia. Pois a visão do conjunto amplia o sentido de um texto, ajuda a situá-lo dentro do seu contexto (literário, histórico e teológico), traz luz para iluminar as várias partes e detalhes e impede que se absolutizem certos textos em detrimento de outros. Trata-se de um critério elementar, muito antigo, vindo dos rabinos e dos Padres da Igreja, segundo o qual a Bíblia se explica pela Bíblia. O Projeto "Palavra-Vida", no seu primeiro ano, atendendo a este critério, oferece uma visão global da história do Povo de Deus.

43. *"Levar em conta a Tradição viva da Igreja toda"*. A Tradição envolve a Bíblia antes, durante e depois. Antes de ser escrita, a Bíblia era narrada. Em seguida, foi sendo escrita, aos poucos, dentro de um processo de transmissão das histórias e doutrinas, costumes e tradições do povo. No fim, uma vez escrita, continuou sendo transmiti-

da, de geração em geração, até hoje, dentro de uma tradição viva. Aqui há vários aspectos a serem considerados:

44. Primeiro. É importante mostrar como um texto não caiu pronto do céu, mas nasceu de dentro da tradição viva da fé do Povo de Deus, tomando posição no meio dos conflitos da caminhada. Lido e relido pelas gerações posteriores, o texto é carregado pela tradição, como um barco pelo rio. Este processo de leitura e releitura está na origem da Bíblia (18).

45. Segundo. A Bíblia dentro da tradição viva da Igreja é a continuação deste processo; é o mesmo rio, correndo em direção ao mar, carregando o mesmo barco. Não se pode deixar de lado a tradição da Igreja para ficar só com o texto. A interpretação da Bíblia, ao longo dos séculos, foi explicitando o sentido. Foi fazendo nascer o fruto, cuja semente estava na Bíblia. Além disso, a vivência da mesma fé em situações diferentes gerou tradições diferentes que já aparecem na própria Bíblia e marcam toda a história da Igreja. O estudo da Tradição ajuda a descobrir como a mesma fé pode ser encarnada e vivida nas situações tão diferentes em que vivem as nossas comunidades.

46. Terceiro. Tudo isto mostra a importância do estudo da exegese dos Santos Padres (DV 23) (19). A exegese dos Santos Padres é importante sobretudo por causa da visão sempre atual com que olha, lê e interpreta a Bíblia. O Projeto "Palavra-Vida", querendo *levar em conta a Tradição viva da Igreja toda,* além do estudo bíblico propriamente dito, explicado nas páginas 21 a 23, programou, para cada um dos cinco anos, aprofundar um determinado aspecto desta Tradição: No 1º ano: a Tradição viva das nossas Comunidades, onde reaparece a antiga Tradição dos Padres da Igreja. No 2º ano: a Lectio Divina, tão recomendada pelo Concílio (DV 25). No 3º ano: a leitura de acordo com as exigências do Magistério. No 4º ano: uma síntese da exegese dos Santos Padres. O 5º ano ainda está aberto.

47. *"Levar em conta a analogia da fé".* O texto deve ser lido não só dentro do conjunto da Bíblia, nem só dentro do conjunto da Tradição, mas também dentro do conjunto da vida atual da Igreja. Deve obedecer não só às exigências da fé de ontem, mas também às exigências da fé de hoje. É isto que se chama analogia da fé. "A fidelidade à Palavra Encarnada exige também, em virtude da dinâmica da encarnação, que a mensagem se torne presente, na sua integridade, não só ao homem em geral, mas também ao homem de hoje, a quem a mensagem é agora anunciada. Cristo tornou-se contemporâneo de alguns homens, falando com a linguagem deles. A fidelidade que se lhe deve, requer que esta contemporaneidade continue. E aqui está Tradição, o seu Magistério e a sua pregação" (Paulo VI) (20). Deste modo (a Bíblia é colocada no seu devido lugar dentro do plano de Deus, e evitam-se exageros e diminuições indevidas.

8. Levar em conta os critérios da realidade

48. Os critérios da realidade situam-se em dois níveis diferentes: a realidade do povo do tempo em que foi escrita a Bíblia, e a realidade do povo que hoje lê a Bíblia. Ambos têm as suas exigências que devem ser levadas em conta na interpretação. Trata-se de descobrir o chão comum humano que une o povo da Bíblia e o povo da América Latina numa mesma situação diante de Deus, e assim criar a abertura para perceber o alcance do texto para a nossa realidade.

49. Neste ponto, porém, não há consenso. Conforme alguns, a demasiada insistência na realidade, tanto de ontem como de hoje, levaria a um concordismo fácil e seria uma forma disfarçada de manipular o texto. Aqui também estaria a causa da leitura reducionista que só visa uma mudança apenas econômico-social-política. Vejamos.

50. *Levar em conta a realidade do povo do tempo em que foi escrito o texto.* Neste ponto o Magistério não deixa nenhuma dúvida. "O intérprete deve transpor-se com o pensamento àqueles tempos antigos do Oriente" (Pio XII, 20). Deve investigar a situação e a cultura do tempo do escritor do texto bíblico e descobrir as circunstâncias que o levaram a escrever, para que possa chegar a descobrir o sentido exato do texto (DV 12). Para alcançar este objetivo, o intérprete deve usar as ciências com seus métodos variados (21). Os métodos de análise das ciências sociais ajudam a perceber melhor o lado econômico, social, político e ideológico da situação do povo daquele tempo. Deste modo, com a ajuda das ciências, o intérprete estabelece o sentido-em-si do texto e o prepara, para que o leitor possa descobrir nele o sentido que lá existe para nós. Ou seja, ele estabelece "uma certa conaturalidade entre os interesses atuais e o assunto do texto, para que se possa estar disposto a ouvi-lo" (Paulo VI) (22). A necessidade de se levar em conta a realidade do povo do tempo em que foi escrito o texto, é conseqüência natural da nossa fé na encarnação da Palavra de Deus na história humana. É também uma forma de ser fiel à Tradição dos Padres da Igreja. Antes de buscar os frutos do *Espírito,* eles mandavam investigar a *letra* e a *história.* Além disso, situando o texto no contexto concreto e conflitivo da sua origem, ajudamos o leitor a superar o fundamentalismo que causa tantos problemas e estragos na fé do povo.

51. *Levar em conta a realidade do povo que hoje lê o texto.* A Bíblia nasceu da preocupação de se reencontrar, na realidade conflitiva de cada época, o apelo do mesmo Deus de sempre. O próprio Jesus explicou a Bíblia partindo dos problemas que os dois discípulos de Emaús estavam vivendo (Lc 24, 13-35). Paulo VI diz que não basta o intérprete expor o sentido histórico do texto. Ele deve expô-lo também "em relação ao homem contemporâneo" (Paulo VI) (23). E em outro discurso ele acrescenta: "A fidelidade ao homem moderno, embora árdua e difícil, se quiser-

mos permanecer inteiramente fiéis à mensagem, é necessária" (Paulo VI, aos professores de Sagrada Escritura, 25.09.1970). Aqui, na América Latina, isto significa *fidelidade aos pobres*. Por isso, a opção preferencial pelos pobres, definida em Puebla, é o ponto de partida, de onde o Projeto "Palavra-Vida" lê e interpreta a Bíblia (pp. 13-15).

52. Ler a Bíblia a partir dos pobres exige que se descubram e analisem as causas que geram a pobreza, causas econômicas, sociais, políticas e ideológicas. Aqui não se trata de leitura reducionista da Palavra de Deus. Não se reduz nada. Pelo contrário! Aumenta-se o ângulo de visão, incluindo o que antes não era considerado. A interpretação deixou de ser espiritualista e alienada e passou a iluminar as situações mais concretas da vida do povo. Voltou a ser uma Boa Nova para os pobres! Ela ajuda a atingir o objetivo principal da Bíblia: "Hoje, se vocês pudessem ouvir a sua voz!" (Sl 95,7).

9. Leitura orante da Bíblia

53. A Bíblia deve ser lida e interpretada no mesmo Espírito em que foi escrita (DV 12). Como vimos, isto exige do intérprete que use os critérios da fé e da realidade. Mas ainda não basta. A descoberta do sentido depende não só do estudo, mas tem a ver também com a vivência tanto da fé como da vida do povo. Exige criar um ambiente em que o Espírito possa atuar, agir livremente e revelar o sentido que o texto antigo tem para nós hoje aqui na América Latina. Chama-se "sentido espiritual".

54. Concretamente, isto significa que se deve: 1. criar um ambiente de escuta e de silêncio; 2. ter uma preocupação constante em aprofundar a vida do povo com seus problemas e deixar que as alegrias e tristezas do povo estejam na nossa mente, no coração, nas mãos e nos pés; 3. envolver tudo pela oração; 4. dedicar um tempo à celebração da Palavra e não só ao estudo; 5. fazer com que o estudo termine na partilha, na oração e no compromisso concreto; 6. dar a devida importância à liturgia, aos sacramentos, ao Ofício Divino e também às formas de piedade que o povo criou para celebrar e animar a sua fé; 7. saber celebrar a Palavra como Sacramento de Cristo, vivo no meio da Comunidade. Ora, é exatamente isto que o povo das Comunidades Eclesiais de Base nos ensina pela sua prática. Ele nunca se reúne em torno da Palavra de Deus sem rezar e sem cantar. E é isto que o Projeto "Palavra-Vida" procura articular e atingir através da dinâmica própria das suas reuniões (cf. pp. 34-37).

55. Uma palavra vale não só pela idéia que transmite, mas também pela força que comunica. Não só diz, mas também faz. Não é só um meio para conscientizar, mas também para transmitir o calor e a força da amizade e do amor. Luz e Força! Estes dois aspectos da Palavra de Deus devem ser ativados pela leitura da Bíblia. O termo hebraico *dabar* significa, ao mesmo tempo, *palavra* e *coisa*: diz e faz, anuncia e traz, ensina e ani-

ma, ilumina e fortalece, luz e força, Palavra e Espírito. Na história da Igreja, este tipo de leitura recebeu o nome de *Lectio Divina,* muito recomendada pelo Concílio (DV 25) e retomada pelo Projeto "Palavra-Vida" (p. 16).

56. O intérprete deve, ele mesmo, colocar-se sob o julgamento da Palavra de Deus e deixar que ela se encarne em sua vida: "Quem perscruta a Sagrada Escritura é, primeiramente, perscrutado por ela e, por isso, deve aproximar-se dela com espírito de humilde disponibilidade, necessário para a plena compreensão da sua mensagem" (Paulo VI) (24). E no outro discurso, citando Santo Agostinho, o Papa diz: "Àqueles que se consagram ao estudo das Sagradas Escrituras não basta recomendar que sejam versados no conhecimento dos pormenores da linguagem, mas, além disso, o que é primordial e ao mesmo tempo sumamente necessário, convém que eles rezem para compreender (orent ut intelligent") (Paulo VI) (25).

10. Toda a exegese deve estar a serviço da Evangelização

57. A exegese não tem finalidade em si mesma, mas está a serviço da vida e da missão da Igreja. A missão principal é a evangelização que visa a transformação das pessoas e da sociedade. Falando dos métodos de interpretação, o Papa João Paulo II disse aos membros da Pontifícia Comissão Bíblica: — "Na Igreja, todos os métodos devem estar, direta ou indiretamente, a serviço da evangelização" (João Paulo II) (26). Com efeito, em virtude da natureza do seu trabalho, o exegeta sempre corre o risco de fechar-se nas suas preocupações científicas e de esquecer o objetivo da Palavra de Deus. Porém, "a fidelidade à sua tarefa de interpretação exige do exegeta que ele não se contente em estudar aspectos secundários dos textos bíblicos, mas que coloque em evidência a sua mensagem principal que é uma mensagem religiosa, um apelo à conversão e uma Boa Notícia de salvação, capaz de transformar cada pessoa e a sociedade humana toda inteira, introduzindo-a na comunhão divina" (João Paulo II, ibid.).

58. Isto exige sobretudo duas coisas: 1. Durante todo o tempo do estudo da Bíblia, o exegeta deve ter presente a realidade do povo a ser evangelizada. 2. Para que a Igreja, cada Comunidade, seja realmente evangelizadora não só por palavras, mas sobretudo pelo testemunho de sua vida, ela mesma deve permitir que a Palavra a transforme em sinal e amostra grátis daquilo que ela anuncia para todos. Para isto é necessário que toda a sua vida seja alimentada e permeada pela Palavra de Deus a ponto de "iluminar a mente, fortalecer a vontade e inflamar o coração" (DV 23).

Conclusão: Interpretação e fidelidade

São estas as normas elementares da interpretação cristã da Bíblia, exigidas pela Tradição e pelo Magistério, sobretudo pela *Dei Ver-*

bum. Elas orientaram a elaboração do Projeto "Palavra-Vida" e, agora, estão na sua raiz e o alimentam. O Projeto "Palavra-Vida" está dentro da Tradição e é fiel ao que dele pede o Magistério nestas dez normas.

61. Eram três os pontos principais da acusação contra o Projeto: 1. leitura reducionista da Palavra de Deus e da História da Salvação; 2. não leva em conta a Tradição e o Magistério; 3. não dá o lugar central a Jesus Cristo. Estas falhas tão graves não foram encontradas no Projeto. A acusação não tem consistência. Não é real. A CLAR não pretende que o Projeto seja perfeito. Pelo contrário. Tem falhas, e muitas! Mas não tem as graves falhas de infidelidade de que é acusado na Nota da Congregação Romana para a Vida Religiosa. Não são conhecidos os motivos reais da acusação. Pois não houve diálogo. Não perguntaram, nem se informaram.

62. Se o Projeto "Palavra-Vida" está errado; se tem as falhas tão graves de que é acusado, então somos muitos que estamos errados há muitos anos! Bispos e padres, religiosas e religiosos, leigas e leigos, comunidades e dioceses inteiras, a caminhada da Igreja que se renova a partir dos pobres e a partir da leitura da Bíblia nesta perspectiva! Não pode ser!

63. Como pede o Papa João Paulo II, os que, em nome da CLAR, elaboraram o Projeto "Palavra-Vida", reconhecem os limites e a relatividade do que fazem (João Paulo II, aos membros da Pontifícia Comissão Bíblica, 07.04.1989). Mas nós, religiosos e religiosas da América Latina, gostaríamos de ter encontrado na reação do Magistério contra o nosso Projeto alguns traços da ternura da nossa Mãe, a Igreja, e um reflexo da bondade do Pai que, "levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos" (DV 2).

NOTAS E EXPLICAÇÕES

(1) Paulo VI, Alocução aos professores da Sagrada Escritura: sobre a obra da Igreja para a Interpretação da Palavra de Deus, 25 de setembro de 1970, em "Como ler e entender a Bíblia hoje, Textos Oficiais da Igreja", Ed. Vozes, Petrópolis, 1982, pp 9-12. (2) CLAR, Conferência Latino-Americana de Religiosos, Projeto "Palavra-Vida", 1988-1993; Primeiro ano: A Palavra Convoca, 1988-1989; publicações da CRB, 2ª edição, 1988. Existe também a edição em língua espanhola. (As citações serão feitas de acordo com a edição brasileira.) (3) **DV** é a abreviação de **DEI VERBUM** que diz no nº 11: "Os livros completos tanto do Antigo como do Novo Testamento, com todas as suas partes, porque escritos sob a inspiração do Espírito Santo (cf Jo 20,31; 2 Tim 3,16; 2 Ped 1,19-21; 3,15-16), eles têm em Deus o seu autor". Tradução Portuguesa, Documentos Pontifícios nº 154, Ed. Vozes, Petrópolis, 1966. (4) "Deus que cria (cf Jo 1,3) e conserva todas as coisas pelo Verbo, oferece aos homens **nas coisas criadas** um perene testemunho de Si mesmo (cf Rom 1,19-20). Além disso, no intuito de abrir o caminho de uma salvação superior, **manifestou-se a Si mesmo desde os primórdios a nossos pais.** E após a queda destes, havendo prometido a redenção, alentou-os a esperar uma salvação (cf Gên 3,15) e velou permanen-

temente pelo gênero humano, a fim de dar a vida eterna a todos aqueles que, pela perseverança na prática do bem, procuram **a salvação (cf Rom 2,6-7)"** (DV 3). O negrito é nosso. (5) Para mais informações sobre **a Lectio Divina** veja mais adiante nos números 46 e 55. (6) "Como o Verbo substancial de Deus se fez semelhante aos homens em tudo "exceto no pecado" (Heb 4, 15), assim também a palavra de Deus expressa em línguas humanas assemelhou-se em tudo à linguagem humana, exceto o erro", Pio XII, Encíclica "Divino Afflante Spiritu", Sobre o Estudo da Sagrada Escritura, número 20. Tradução Portuguesa, 3ª edição, Vozes, Petrópolis, 1956, Documentos Pontifícios nº 27, p. 23. (A indicação **Pio XII,** no que segue, indicará sempre esta encíclica com o número correspondente.) Veja também Dei Verbum números 12 e 13. (7) Sobre os critérios próprios da fé veja mais adiante nos números 41 a 47. (8) Sobre o uso dos critérios comuns, científicos, veja mais adiante no número 50. (9) "O exegeta esclarecido pela fé não pode, evidentemente, aceitar tais pressupostos, mas nem por isso poderá deixar de tirar proveito do método. Desde o Antigo Testamento, o Povo de Deus sempre foi encorajado a se enriquecer com os despojos dos Egípcios"; João Paulo II, Alocução aos membros da Pontifícia Comissão Bíblica sobre os métodos usados na Interpretação da Bíblia, 7 de abril de 1989. Tradução do texto oficial francês, publicado no Osservatore Romano de 08.04.89. No seu livro sobre a exegese dos Santos Padres, citando frases de Santo Agostinho e de outros Padres da Igreja, H. de Lubac assim formula o objetivo da Bíblia: "O Espírito Santo, "dedo de Deus", que já havia modelado as cartas da Criação, recomeçou a trabalhar para compor este novo livro: ele estendeu sobre nós o céu das Escrituras; desenrolou este segundo firmamento que, como o primeiro, narra o poder de Deus e, melhor do que o primeiro, canta a sua misericórdia. Graças a ele nos é restituído "o olhar da contemplação" e, assim, cada criatura se torna para nós uma teofania". H. de Lubac, **Esegesi Medievale,** I quattro sensi della Scrittura, Ed. Paoline, Roma 1962, pp 220-221. (11) **EB** é a abreviação de: **Enchiridion Biblicum,** Documenta Ecclesiastica Sacram Scripturam spectantia, Editio Tertia aucta et Recognita, Romae, 1954. (12) "A chave principal da Bíblia é Jesus, morto e ressuscitado, vivo no meio da comunidade. A leitura da Bíblia tem como objetivo: ajudar o povo a descobrir a grandeza do poder com que Deus acompanha e liberta o seu povo. É o mesmo poder que Ele usou para tirar Jesus da morte. É o que São Paulo pedia para a comunidade de Éfeso". Citação do Projeto "Palavra-Vida", p. 20. Veja também pp 10-11.21.22-24.29-30.34. (13) Para este levantamento baseamo-nos no **"Index Locorum S. Scripturae in Documentis Oecumenici Vaticani II".** (14) Não convém esquecer que o livro publicado do Projeto "Palavra-Vida" é apenas o **primeiro** volume de uma obra de 5 volumes, dos quais o 4º e o 5º só tratam do Novo Testamento e o 1º dá uma visão global tanto do AT como do NT. Veja p. 21-24. (15) Evangelização no presente e no futuro da América Latina, Conclusões da III Conferência geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla de los Angeles, Mexico, 27.1 a 13.2 de 1979, Edições Paulinas, São Paulo, 1979, nº 373. (16) "Cabe aos exegetas trabalhar esforçadamente dentro destas diretrizes para entender e expor profundamente **o sentido da Sagrada** Escritura, a fim de que, por seu trabalho de certo modo preparatório, amadureça o julgamento da Igreja" (DV 12). (17) O Capítulo VI da **Dei Verbum:** "A Sagrada Escritura na Vida da Igreja", números 21 a 25, descreve o objetivo de toda a ação da Igreja com relação à Bíblia. É onde **a flor desabrocha e revela** o seu perfume a sua beleza. (18) Alguns exemplos deste processo de leitura e releitura dos fatos e dos escritos, dentro da própria Bíblia: no livro de Gênesis temos dois relatos da criação; duas vezes se relata a vocação de Abraão; há vários salmos que meditam a história, mas cada um a medita a seu modo; o livro das Crônicas faz uma releitura da vida de Davi bem diferente daquilo que foi a vida real do rei; o livro de Sabedoria relê as pragas do Egito, descritas no livro de Exodo, mas é uma releitura que nem sempre respeita a fonte; no Pentatêuco existem indícios de quatro tradições diferentes que,

cada uma a seu modo, faz uma leitura da história do povo: javista, eloista, deuteronomista, sacerdotal, etc. (19) "A Igreja fomenta devidamente o estudo dos Santos Padres do Oriente e do Ocidente, e das Sagradas Liturgias" (DV 23). Neste breve conselho, a **Dei Verbum** retoma e resume as exortações dos Papas, desde o fim do século passado: **Leão XIII**, Encíclica "Providentissimus Deus", Sobre o Estudo da Sagrada Escritura, números 47 a 55: (Tradução Portuguesa, 3ª edição, Documentos Pontifícios 28, Ed. Vozes, Petrópolis, 1957); **Bento XV**, Encíclica "Spiritus Paraclitus", Sobre o Estudo da Sagrada Escritura, número 1 a 29: (Tradução Portuguesa, 3ª edição, Documentos Pontifícios 44, Ed. Vozes, Petrópolis, 1959. Esta Encíclica foi publicada por ocasião do XV centenário da morte de São Jerônimo.) Pio XII, 17 (cf nota 6). (20) Veja nota 1. (21) Sobre o uso adequado dos métodos científicos, veja **João Paulo II**, Alocução aos membros da Pontifícia Comissão Bíblica (cf Nota 9); **Leão XIII**, Encíclica "Providentissimus Deus", números 68-80 (cf Nota 19); **Pio XII**, Encíclica "Divino Afflante Spiritu", número 20 (cf Nota 6). (22) Veja nota 1. (23) Paulo VI, Alocução aos membros da Pontifícia Comissão Bíblica, Sobre a importância dos Estudos Bíblicos, 14 de março de 1974, em: "Como ler e entender a Bíblia hoje, Textos Oficiais da Igreja", Ed. Vozes, Petrópolis, 1982, pp. 13-19. (24) Veja nota 1. (25) Veja nota 23. (26) Veja nota 9. □

PÉ DE PÁGINA

Pe. Marcos de Lima, SDB

Bíblia — "Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena", Jo 16,13.

Leitor — A verdade plena é esta: Deus se manifestou definitivamente em Jesus. Só Jesus realiza plenamente os planos de Deus. Para cada um de nós, ele é o lugar de encontro com os planos de Deus. Isto não significa contemplação abstrata, pois quem nele crê fará as obras que ele fez e fará até maiores do que elas (Jo 14,12). O Espírito Santo é a memória do passado de Jesus para o hoje de nossa caminhada. Ou seja. em tempos e circunstâncias diferentes dar continuidade às ações de Jesus. Fazer AGORA o que e como ele fez OUTRORA, pois a sua prática é normativa para os seus seguidores.

A fé não pede provas

Bíblia — "Senhor, não te incomodes... Dize uma palavra para que o meu criado seja curado", Lc 7,7.

Leitor— Fé incondicional no poder da palavra de Jesus. O centurião não pede provas. Dispensa a presença física. Contenta-se com uma palavra que não é apenas sons articulados, mas infalível ação transformadora. O que se espera será acontecimento histórico. Será fato consumado.

NOVA EVANGELIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: UMA NOVA PEDAGOGIA DA FÉ

Sem Evangelização e Catequese, a Igreja não pode progredir e cumprir sua missão. Neste campo, as religiosas podem prestar serviços de incalculável valor.

Inês Broshuis

A expressão "Nova Evangelização" está nos lábios, nos artigos, no discurso de muitos que se preocupam com Evangelização e Catequese.

Que quer dizer "Nova Evangelização"?

A palavra "Evangelização" é relativamente nova no linguajar da Igreja Católica. Antigamente falava-se mais em "missões" e "apostolado".

Na Catequese, a palavra "Evangelização" era usada para indicar o primeiro anúncio aos povos que ainda não conheciam o cristianismo, enquanto "Catequese" significava o aprofundamento de uma opção já assumida.

Nos documentos do Concílio Vaticano II, a palavra "Evangelização" se torna mais importante. O 4º Sínodo, de 1974, tratou da Evangelização no mundo moderno, resultando na Exortação Apostólica de Paulo VI "Evangelii Nuntiandi" (1975). Este documento vê a Evangelização como anúncio, mas também como a realização do Evangelho na vida concreta, tanto na vida pessoal como na sociedade; é um ponto de partida e, ao mesmo tempo, todo um processo de crescimento na fé.

Essa atenção pela Evangelização foi causada pela secularização e pelo secularismo no 1º mundo, onde fica cada vez mais difícil anunciar o Evangelho.

Mas não é só por causa do 1º mundo que a palavra "Evangelização" fez sua entrada e foi o tema do 4º Sínodo. A Evangelização foi também assunto na Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968), não tanto no con-

texto da secularização, mas no contexto da libertação do homem.

Os Bispos da África e América Latina deram uma contribuição importante no Sínodo, despertando para uma realidade diferente do 1º mundo.

No fim do Sínodo, o então Cardeal Woytila resumiu os diversos contextos da Evangelização assim:

— o contexto da inculturação do Evangelho (África)

— o contexto das grandes religiões não-cristãs (Ásia)

— o contexto da libertação humana (América Latina)

— o contexto da secularização (Europa e América do Norte)

— o contexto da ideologia ateísta (Europa Oriental e Ásia)

De onde vem a expressão "Nova" Evangelização?

Na sua visita aos países do BENELUX, falando ao episcopado da Bélgica, em Mechelen (18-5-85), João Paulo II disse: "Chegou a hora para iniciar uma 2ª Evangelização".

Diante do fenômeno da secularização, da ruptura entre cultura e Igreja, a Europa precisa ser evangelizada novamente.

Mas a expressão "Nova Evangelização" já tinha sido usada anteriormente em Porto Príncipe, Haiti, em 1983, e em Santo Domingo, em 1984, quando o Papa abriu a novena de anos preparatórios ao V Centenário da descoberta e evangelização da América Latina.

Também nos textos de Medellín, a expressão já aparece.

Claro é que, para cada continente, o conteúdo da palavra é diferente.

Podemos dizer que, a partir das Conferências de Medellín e Puebla, a NOVA Evangelização já entrou de cheio na América Latina. É um novo método, uma nova expressão de evangelizar.

No Brasil, podemos constatar que a CNBB se tem esforçado por trilhar esse caminho novo de Medellín e Puebla. E a partir das experiências feitas, surgiram os documentos explicitando o processo que já estava em vigor.

Em 1983 foi aprovado o documento "Catequese Renovada" (Nº 26). Anteriormente, houve os documentos das diretrizes gerais da CNBB para sua pastoral.

Em 1987 foi aprovado o documento "Diretrizes Gerais da Pastoral da Igreja no Brasil" (Nº 38) e, o ano seguinte, o documento Nº 40 "Igreja, Comunhão e Missão".

O objetivo da CNBB está bem claro: E V A N G E L I Z A R.

Evangelizar, mas: a quem? Como? Quais os novos métodos, a nova expressão, a nova pedagogia?

Ponto de partida: a realidade

Diz o Documento Nº 38 que a evangelização deve partir do contexto, da situação, das necessida-

des concretas do nosso povo. O homem a ser evangelizado não é alguém abstrato, mas situado bem concretamente. A evangelização na América Latina e no Brasil tem que partir do homem e da mulher latino-americanos, na sua maioria pobres, vítimas de sistemas e estruturas que os esmagam, dificultam, e até impedem sua libertação como pessoas.

O povo brasileiro está passando por um processo de transformação no campo social, econômico, político, cultural e religioso, aspectos que se influenciam mutuamente.

No meio rural e na periferia das grandes cidades nota-se uma tendência para formar comunidades, movimentos, associações a fim de conseguir melhores condições de vida, mais humanas, mais justas.

Os trabalhadores se mobilizam. Cresce a consciência de classe.

Presenciamos os constantes conflitos no campo, as migrações, o empobrecimento do homem do campo.

A urbanização se acelera. 70% da população brasileira já está morando nos grandes centros urbanos e esta tendência está ainda crescendo.

Economicamente, os ricos continuam tornando-se mais ricos, os pobres cada vez mais pobres. Inflação, dívida externa, corrupção, falta de uma política econômica em prol da maioria carente impedem uma melhora da situação.

A nova Constituição apresenta suas omissões e demora a ser posta em prática.

Os Meios de Comunicação Social influenciam na sociedade com seus valores e contra-valores.

A família sofre as conseqüências desta sociedade. Surge uma outra visão de amor e sexualidade. Está mudando a situação da mulher dentro e fora do lar.

Também a vivência religiosa está se transformando. De um lado, as seitas estão se espalhando, de outro a secularização está entrando cada vez mais, especialmente nos ambientes das classes alta e média.

Mas também cresce a consciência comunitária e crítica, aumentam as Comunidades Eclesiais de Base, há abertura ecumênica e uma nova valorização da religiosidade popular.

Nos centros urbanos crescem os movimentos de diversos tipos.

A "Nova Evangelização" visa e se dirige ao homem que vive nessas situações.

Qual o anúncio a ser feito?

Diz o Documento Nº 38 que a Igreja deve anunciar a plena verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o Homem.

a) *A verdade sobre Jesus Cristo*

Evangelização e Catequese devem ser cristo-cêntricas. Toda a atenção está voltada para Cristo e vai iluminar o agir. Cristo é Aquele que nos revela o Pai. Conhecendo me-

lhor a Jesus Cristo, através dos Evangelhos, conhece-se também melhor o Pai que Cristo revela. Jesus é o *caminho* ao Pai; não é ponto final. Jesus envia o Espírito Santo.

Anunciando a Jesus Cristo proclamamos todo mistério trinitário e entramos nele. Jesus Cristo nos introduz neste mistério e nos leva ao Pai, último fim de tudo.

Jesus Cristo revela também o mistério do homem. Quem é o homem dentro do Plano de Deus? Jesus, através da sua vida, o mostra.

Evangelização e Catequese devem apresentar o Jesus pobre. Nasce pobre (não há lugar para ele nascer), vive pobre (não tem pedra para repousar a cabeça) e morre pobre, como criminoso, rejeitado (fora dos muros de Jerusalém) no meio de criminosos.

Jesus não pertence às classes dominantes: não é de família culta e rica, não pertence a uma família sacerdotal, nem é doutor da lei ou fariseu. Ele está no meio do povo e toma sua defesa. Cura, perdoa, expulsa o mal. Declara que o Reino é dos pobres e não-violentos, diz que as meretrizes e publicanos entrarão no Reino antes dos fariseus, e que devemos tornar-nos como crianças para entrarmos também. Sua doação até a morte e sua ressurreição tornam-se causa de VIDA NOVA, de nova esperança.

b) *A verdade sobre a Igreja*

O Documento Nº 38 mostra a Igreja como a Comunidade do Senhor, que promove a participação e corresponsabilidade de todos. É uma comunidade que não se pensa a partir daquilo que distingue o clero e o laicato, mas a partir do que é comum a todos os fiéis: a igual dignidade batismal, a vocação universal, a participação no processo da evangelização (cf. DG 76).

A Igreja não existe só para si. Ela está a serviço da salvação do mundo e é chamada a participar da construção de um mundo justo e fraterno.

Ela é chamada a ser presença do REINO nas realidades deste mundo.

c) *A verdade sobre o Homem*

O Homem é criado à imagem de Deus, é filho do Pai, irmão de todos. Tem a mesma dignidade e os mesmos direitos, sem distinção de classe, raça, sexo.

A Igreja está voltada para a libertação *integral* do Homem, especialmente do Homem mais pobre e injustiçado.

d) *A perspectiva do REINO DE DEUS*

Na evangelização é importante nunca perder de vista a meta final: O REINO DE DEUS. Esse Reino, inaugurado por Jesus Cristo, pelo dom do Espírito Santo, visa o novo relacionamento com o Pai e entre os homens. Em germe, está presente na História. A evangelização tem como centro a proclamação deste Reino. De um lado, o Reino não coincide com nenhuma realização histórica concreta, nem é fruto do empenho puramente humano, mas

se projeta para além do tempo e da história. De outro lado, porém, a construção do Reino se dá desde aqui e agora, também através dos esforços humanos em vista de uma sociedade verdadeiramente justa, fraterna, solidária e livre.

A missão da Igreja, que se realiza continuamente na perspectiva escatológica, é ao mesmo tempo plenamente histórica (cf. DG 107-108).

Dentro do objetivo geral da CNBB, a Catequese ocupa seu lugar. Não tem linhas de ação diferentes, não é uma pastoral à parte, mas está inserida no conjunto, junto com as outras dimensões da pastoral: as dimensões comunitária, litúrgica, missionária, ecumênica, e profético-transformadora. Todas as dimensões andam juntas, tendo o mesmo objetivo geral.

Características da Nova Evangelização

A partir do objetivo geral da Igreja do Brasil podem-se destacar algumas características que marcam a nova evangelização e catequese:

a) *Partir do homem concreto*

Partir da realidade, da situação, dos problemas e perguntas dos catequizandos. A própria realidade já é considerada *conteúdo* da Catequese.

b) *A Comunidade como ponto central*

Evangelizar e catequizar é: formar os membros da comunidade eclesial. Toda a comunidade é evangelizadora; toda a comunidade, e cada membro, deve ser evangelizada. A comunidade dá origem à evangelização e catequese. O lugar é a própria comunidade. A meta é a formação de membros atuantes e responsáveis da Comunidade.

Uma comunidade cristã se molda conforme o modelo das primeiras comunidades cristãs: comunidades de fé, de oração e celebração, de partilha e solidariedade.

A pedagogia da fé procura formar para a vivência nessas três dimensões: aprofundar a fé, dar as razões da fé; partilha fraterna, solidariedade; vida de oração, celebração da caminhada.

As celebrações devem ser freqüentes e ricas em simbolismo, participação e alegria. É a vida que se vive sob o olhar da fé.

Oração e celebração merecem bastante atenção. A ação deve ser provocada e sustentada pela reflexão, interiorização e uma atitude interior de disponibilidade e generosidade. Deus chama. Deve-se enxergar seu apelo no encontro pessoal com ele, apelo que vem através da comunidade e das situações concretas.

O aspecto da partilha e solidariedade merece toda atenção: partilha concreta através de ações de solidariedade e igualdade.

c) *A perspectiva do Reino de Deus*

Não basta haver partilha entre os membros da comunidade. Os horizontes vão mais longe; abrangem o

bairro, a cidade, o país, o mundo. "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo" (GS 1).

d) *A Bíblia*

A Bíblia toma um lugar central na evangelização e na catequese. A Sagrada Escritura tem sido o primeiro livro da comunidade desde as origens da Igreja. É o livro de catequese por excelência.

O povo se encontra a si mesmo na Bíblia: suas lutas, sofrimentos e perseguições, as injustiças, a dominação. Jesus Cristo fala a palavra libertadora; mostra os verdadeiros valores do Reino. Os relatos do início da Igreja mostram a meta, a prática das comunidades cristãs, mas também suas dificuldades e lutas. Assim, a Bíblia é a primeira fonte e inspiração da Evangelização e da Catequese na sua forma renovada.

e) *Interação fé e vida*

Uma das características da renovação está na interação Fé e Vida. Isto quer dizer que aquilo que se acredita e aquilo que se vive estão em sintonia. A fé influencia a vida, a vida dá brilho e calor à fé professada.

Dentro da perspectiva da "nova evangelização", a fé vai influenciar toda uma atuação em prol da libertação integral do homem. Vai influenciar a vida da comunidade, mas também lá fora, na sociedade, no campo profissional, no sindicato, na política, na cultura...

f) *Atividades transformadoras*

Dentro do aspecto "Interação Fé e Vida" surgiu o método novo das atividades transformadoras. Parte do princípio de que se aprende, fazendo. Aprende-se a ser um cristão atuante, atuando. O cristão de hoje deve estar comprometido com a transformação da sociedade.

As atividades transformadoras são assumidas a partir da realidade do grupo ou comunidade. Não são feitas individualmente, mas pelo grupo ou pela comunidade. São assumidas por todos depois de feito primeiro um planejamento. São acompanhadas pelos educadores da fé. Depois de feitas, se faz uma avaliação. Conclui-se com uma celebração.

Tal projeto foge totalmente do esquema tradicional de Catequese. A reflexão é feita a partir da realidade e da ação assumida. Vive-se, em vez de só refletir, o que quer dizer "ser Igreja"; toma-se conhecimento da realidade e da situação; descobre-se a riqueza do Evangelho a partir da ação concreta. Tal método transforma a realidade, mas transforma também o agente de pastoral, os membros do grupo e da comunidade. É a melhor forma de viver em comunidade e assumir a vivência cristã. Não se esqueça, porém, de iluminar toda essa ação com um conteúdo evangélico e com oração, reflexão e celebração.

Depois de tudo que foi dito, deve ter ficado claro que a evangelização e catequese não podem ser de um tipo escolar, mas de vivência comunitária. Não há professor, nem aluno. Não há imposição de idéias, mas diálogo fraterno. O lugar não é a escola, mas a comunidade.

Destinatários diversos

Fica claro que evangelização e catequese não são, em primeiro lugar, assunto de criança. É um *processo*, lento e demorado, que inicia no berço e termina na morte.

a) *Os adultos*

Os primeiros destinatários da Evangelização são os *adultos*.

Os adultos merecem a primeira atenção. O processo de transformação da sociedade parte dos adultos. São eles que estão à frente nas organizações econômicas, políticas, sociais, culturais e religiosas. Eles têm melhores condições de viver a mensagem cristã, de decidir e assumir a sua opção de fé, do que jovens ou crianças. Quando os adultos forem cristãos autênticos, jovens e crianças seguirão mais facilmente.

Na família, os pais são os primeiros educadores da fé. Os pais sendo evangelizados, toda a família é evangelizada.

Também a construção da Igreja, da comunidade eclesial, do Povo de Deus, depende dos adultos. Os adultos assumem as lideranças e os ministérios e devem se preparar para isto.

E por fim: não foi aos adultos que Jesus ensinava? Abençoava as crianças, ensinava aos adultos.

Isto tudo não quer dizer que não se deve dar atenção aos jovens e crianças. Somente queremos frisar que o ponto de partida está com os adultos e que merece mais atenção.

Porém, não precisamos ser pessimistas demais quanto à evangelização de adultos. Muita coisa está sendo feita:

Comunidades eclesiais de Base

As CEBs são uma excelente forma de evangelização e catequese. As exigências de uma nova evangelização são, como já vimos: vivência em comunidade, inspirada na Bíblia, para chegar a uma ação transformadora. É justamente isto que as CEBs pretendem fazer. Daí surgem os interesses por mais formação religiosa que estão sendo respondidos por pequenos cursos e por uma certa sistematização.

Círculos bíblicos

Os círculos bíblicos são outro meio de evangelização. Procura-se, aqui também, formar as pessoas num espírito bíblico que leva a um verdadeiro engajamento.

Reuniões com pais, catequistas e professores

As reuniões feitas com os pais de catequizandos é evangelização de adultos, como também a própria formação dos catequistas e professores de Ensino Religioso.

Outras formas

Evangelizam-se os adultos através de: cursos de teologia para leigos, cursos em preparação aos sacramentos: Crisma, Batismo, Matrimônio.

Os movimentos podem dar uma valiosa ajuda quando levarem também em conta uma conscientização e engajamento assim como são propostos pela Igreja do Brasil.

Há coisa para melhorar, mas os movimentos não deixam de ser lugares de evangelização. Também, a mensagem pode ser anunciada através de rádio e TV, jornais e revistas, livros e folhetos.

Liturgia

Uma celebração bem preparada e celebrada é uma verdadeira educação da fé. Além da homilia, os símbolos e gestos falam e evangelizam.

A religiosidade popular

Uma boa evangelização pode ser feita, aproveitando os momentos fortes da religiosidade popular. Com criatividade, tais manifestações podem ser aprofundadas e purificadas.

As Campanhas da Igreja no Brasil

A melhor forma de Evangelização e Catequese de Adultos, porém, se faz através das Campanhas da Igreja, especialmente a Campanha da Fraternidade, que, por sua vez, inspira campanhas como: Mês da Bíblia, Mês das Missões, Mês das Vocações, Novena de Natal.

Por que a CF é a evangelização por excelência? Porque nela encontramos todos os aspectos de uma nova evangelização.

O método:

— Ver a realidade (cada ano aborda um problema urgente da Sociedade) (VER);

— A realidade é iluminada e julgada pela luz da Palavra de Deus e os documentos da Igreja (CONSCIENTIZAR E JULGAR);

— Procuram-se pistas de ação concreta. As atividades transformadoras fazem, então, parte desse tipo de evangelização. Não se fica só na reflexão e oração, mas procura-se chegar a uma ação transformadora, ao engajamento e compromisso (AGIR).

É uma verdadeira pastoral de *conjunto*. Não é uma determinada dimensão da Pastoral que se ocupa com esta campanha. Todas as dimensões entram: a Catequese e o Ensino Religioso tomam o tema para reflexão e uma ação transformadora bem concreta; a Liturgia leva a Campanha ao campo da oração e celebração. O aspecto missionário está presente, fazendo a comunidade ser missionária. A dimensão social encontra aqui pistas de ação concreta. O espírito ecumênico, muitas vezes, leva outras igrejas a participar do mesmo objetivo.

Interessante é também que é uma campanha da comunidade inteira: também jovens e crianças encontram aqui seu lugar de participação.

Todos os aspectos da nova evangelização estão presentes: Comuni-

dade que reza, reflete, chega à ação.

b) *Os jovens*

A evangelização e Catequese dos jovens não difere muito da Catequese dos adultos. Os jovens recusam a "aula de religião", mas gostam de unir-se em grupos. Para eles se aplicam os mesmos princípios: formar comunidade, aprofundar a fé, a partir das perguntas e experiências deles, em forma de diálogo e não de imposição, levar a uma ação transformadora.

O trabalho com os jovens tem seu próprio ritmo e desenvolvimento. O jovem entra no grupo, nem sempre para ser evangelizado. Procura o grupo porque tem necessidade da presença de outros jovens, de trocar idéias, de encontrar um ambiente de amizade.

Por isto deve ser ajudado a descobrir Jesus Cristo como amigo pessoal, o sentido da vida, sua própria dignidade e valor. É o jovem que está no centro e é das suas aspirações e necessidades que se deve partir.

À medida que o jovem participa mais do grupo, vai descobrindo a Igreja como uma comunidade da qual ele faz parte e onde tem seu papel.

Crescendo mais, vai descobrir o problema social, as estruturas injustas. Começa a engajar-se. É todo um processo de descobertas e engajamento.

c) *Os adolescentes*

Eles também rejeitam o "catecismo" que consideram "coisa de criança". Já começam a formar grupos. Aliás, se a catequese deixa de ser "escolar", mas vivência em comunidade, automaticamente o grupo vai se formando com reflexões e atividades próprias.

d) *As crianças*

Na prática, a catequese está muito ligada à preparação para a primeira Eucaristia. Não devia ser assim. Catequese é formação para a comunidade, participação da mesma. Dentro da vida da comunidade há as celebrações dos sacramentos e para estas os catequizandos precisam ser preparados. Fazem parte da vida da comunidade, mas não deve ser um aspecto isolado. De modo que também para as crianças valem os mesmos princípios da "Nova Evangelização": vivência em comunidade, aprofundamento da fé, formação para uma vida de oração, muita celebração alegre. Já começa a conscientização de que há muita coisa injusta no mundo, situação que Deus não quer. Já devem ser levados a pequenos gestos concretos de partilha e solidariedade.

Algumas observações

Uma verdadeira evangelização saberá unir:

— a dimensão vertical (relacionamento com Deus) e horizontal (relacionamento com os homens)

— o conteúdo e a vivência (interação fé e vida)

— o pecado individual e social

— a conversão individual e a transformação das estruturas.

Pode-se observar que nem todos entendem a mesma coisa quando se fala em "nova evangelização". Há uns que acentuam a mensagem sobre Jesus Cristo num aspecto pessoal, de conversão pessoal. Não chegam a criticar certas estruturas, nem falam em pecado social. Que pensar?

Evangelização e Catequese, numa visão como é apresentada nos documentos Nºs 26 e 38, não excluem a conversão pessoal, o encontro pessoal com Jesus Cristo e com Deus. Pelo contrário! A dimensão religiosa da pessoa precisa de um contato pessoal com Deus, de uma verdadeira experiência de Deus. O homem quer encontrar seu Deus como Amigo pessoal. Sob o olhar de Deus se encontra a si mesmo, sua dignidade, seu valor, o sentido da vida. É uma dimensão que não pode faltar. É uma adesão pessoal a Deus que nos ama, mas que faz também suas exigências. Ninguém tinha mais intimidade com o Pai que Jesus que passava noites em oração. Mas também ninguém se doou mais aos outros e agiu como profeta para criticar estruturas erradas. As exigências de Deus que Jesus expressou na sua vida, são grandes e vão até à doação da própria vida para os irmãos, e até os inimigos. Assim, todo o conteúdo rico do Evangelho deve traduzir-se em vivência. Senão, é hipocrisia e infidelidade.

O pecado individual e social pede a conversão individual e a transformação das estruturas. Não se pode dizer: "Melhor a conversão pessoal de uma pessoa que a posse de bens materiais." O homem não se deixa dividir em partes. Paulo VI já falou da salvação do homem *todo* e de *todos* os homens (PP 14, 42, 87). Não se trata só da salvação espiritual, mas também dos males que podem atingir o homem: fome, doença, desemprego, falta de moradia e de escola. Para o homem ser integralmente feliz (ou salvo), os diversos aspectos devem estar integrados.

Também não podemos subestimar a influência das estruturas sobre o comportamento humano. Sistemas injustos cooperam e levam a um comportamento injusto. Num mundo de consumo e discriminação, de rivalidade e competição, os indivíduos são levados a se manter de pé através dessas práticas. A conversão pessoal, tão necessária, não dispensa da mudança das estruturas que, por sua vez, mudará o comportamento das pessoas. O cristão tem que atuar na sociedade, na cultura, na política, no mundo do trabalho, na família. Senão, ele será omisso, não-convertido.

Assim diz o documento CR: "Quando o homem age contra sua consciência e contra Deus, ele peca, ofendendo a Deus e degradando a si mesmo. É o maior dano que a pessoa pode causar a si mesma e aos demais, pois o pecado pessoal sempre tem conseqüências também em nível social. As situações de pecado corroem a dignidade do homem, são causa da miséria e escravidão, raiz e fonte de opressão, injustiça e discriminação, e limitam a liberdade de todos (CR 242).

O papel dos religiosos na Nova Evangelização

Os religiosos têm um grande papel na Nova Evangelização, especialmente as religiosas.

A sua presença é necessária no meio do povo para sentir as necessidades pelas quais o povo passa, para ajudar o povo a se conscientizar das situações injustas e da necessidade de um engajamento concreto na luta por seus direitos.

As religiosas atuam nas comunidades de fé, assumem a organização e a liderança em muitos lugares. Estão presentes nas escolas e na catequese.

Atuam mais na liderança e na coordenação. Têm a vantagem de poderem ser liberadas para tais tarefas, o que é bem mais difícil para os leigos. Dispõem geralmente de uma formação melhor de teologia, exegese e catequese.

Encontram na Catequese um grande campo de ação. Enquanto certos ministérios na Igreja se fecham para elas, encontram na Catequese uma grande realização.

Sem Evangelização e Catequese, a Igreja não pode progredir e cumprir sua missão. Neste campo, as religiosas podem prestar serviços de valor incalculável à comunidade e à construção do Reino de Deus. □

Oferta de Deus e trabalho do homem

Conheço uma história como sendo ocorrida em minha terra, Minas Gerais. Se, por acaso for invenção, não importa. Ela contém uma verdade universal. Um padre costumava visitar os fiéis de sua paróquia. Certo dia adentrou num pequeno sítio de modesto agricultor.

— Boa tarde, seu padre. Veja como está bonita esta plantação. Toda verdinha e bem cuidada.

— Está sim, mas com a ajuda de Deus. Olha o que diz a Bíblia: A presença de Deus torna verdejante o deserto estéril (Is 32,15).

— É verdade, retrucou o roceiro, com a ajuda de Deus. Mas o senhor precisava ver isso aqui antes, quando Deus estava sozinho!

Pausa para pensar. O homem é braço lúcido da natureza e de Deus. O mundo é oferta de Deus e trabalho do homem (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

EXPRESSÕES RELIGIOSAS POPULARES E A NOVA EVANGELIZAÇÃO

A Nova Evangelização precisa se ajustar às características de cada uma das atuais expressões da religiosidade popular brasileira.

Pe. Valdeli Carvalho da Costa, SJ
Rio de Janeiro, RJ

1. A PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

1. Aproxima-se o 5º Centenário da Evangelização do Continente Americano. João Paulo II, em circunstâncias várias tem apelado à Igreja Latino-americana, a assumir uma nova Evangelização do Continente. CELAM, CNBB, CLAR, CRB, e outras instituições eclesiais têm feito eco a esse apelo em seus respectivos níveis. No atual momento latino-americano tem nexo tal apelo, pois, embora tenha havido uma primeira evangelização, concomitante à colonização, a forma e circunstâncias em que se realizou, deixaram clareiras que o tempo se encarregou de alargar e desbarrancar.

2. Nas grandes metrópoles, vivemos imensa variedade de expressões religiosas populares, decorrentes das características geossociais e da metodologia usada na evangelização no Brasil, ao longo de seus quase cinco séculos de existência. Para entendermos a atual situação e os desafios erguidos urge conscientizarmo-nos do magma religioso subjacente.

a. A evangelização dos aborígenes

3. Evangelização e colonização no Brasil foram concomitantes. A colonização propunha-se assegurar duradouramente a posse das terras descobertas e explorar em proveito da Coroa portuguesa, as riquezas nelas existentes. O encontro surpreso dos indígenas, eriçou o zelo evangelizador missionário. Nus, em nível primitivo de vida, mantida pela caça e pesca, vagavam os índios pelas praias e interior do continente. Os *Tupinambá*, na costa, entre o

Rio Parnaíba e o Rio Pará, o litoral do Maranhão, as barrancas do Rio São Francisco até Camamu e circunvizinhanças da Baía de Guanabara. Os *Petiquara*, entre os rios Parnaíba e Paraíba. Os belicosos *Caeté*, brandiam suas bordunas, do Paraíba ao S. Francisco, acuando para o sertão, com bloqueio do litoral, aos *Tabajara*, assim designados por Alfred Metraux, ou seja, os grupos *Tupi* encurralados a leste do Rio Mearim, os do Alto Gurupi, os da Serra da Ibiapaba, os *Tupi* acantonados a oeste dos *Petiquara*, os aldeiados próximo aos rios Capibaribe, os invasores *Tupi* das costas da Bahia, os *Tupi* acobilhados entre os rios Mucuri e Itabapoana, concluindo com os *Tupi* alojados entre os rios Paraibuna e Jacupiranga. Os *Tupiniquim*, da enseada de Camamu, na Bahia, ao Rio Mucuri. Os *Tomiminó* da costa do Espírito Santo ao Rio Paraíba do Sul, em constante refrega com os *Tamoio*, senhores do litoral do Rio de Janeiro, do Cabo São Tomé à Baía de Angra dos Reis. Finalmente, os *Carijó*, ou *Guarani*, dominando a costa, da Baía de Cananéia à fronteira do Rio Grande do Sul, onde o litoral passava ao senhorio dos *Tape*, cujas terras iam até o vale do Alto Taquari, derramando-se pela costa, às praias do Uruguai.

4. A evangelização desta massa humana autóctone foi empreendida diferentemente por cada grupo missionário. Alguns a fizeram nas próprias aldeias indígenas. Os jesuítas, exíguos, para empreender uma catequese sem hiatos nem dispersa, centralizaram o trabalho nos "aldeiamentos" ou "aldeias". Para elas traziam os índios das malocas. Nos "aldeiamentos", em língua geral, o *abanheenga*, aprendida pelos padres com os culumins e cunhatains, recebiam todos a catequese e iniciavam um regime de vida com trabalho sistemático, organizado por horário, para suprir as necessidades da comunidade.

5. De madrugada, o repique do sino, levantava solteiros e casados para a catequese. Findá, enchada ao ombro, partiam para o campo ou para a fiação. A seguir, as crianças. Alfabetização, leitura, escrita em português e tupi e doutrina religiosa por três ou quatro horas. Findas as aulas, liberdade para caçar e pescar, colaborando com o que conseguissem para o sustento dos seus e da comunidade. Até ao anoitecer, o intermitente bimbalhar dos sinos, trazia os adultos restantes. Neste horário, para não picotar o trabalho nos roçados, era-lhes ministrada a instrução religiosa.

6. A Evangelização reinava na atividade missionária jesuítica. Instrumento privilegiado de realização: o domínio da língua tupi. Aqui, voou alto Anchieta. Traduzindo para o tupi o nome dos santos cristãos pelos correspondentes em tupi, sem o querer, fundiu conteúdos culturais, lançou as sapatas dos futuros sincretismos. Seu zelo catequético queria ouvir os piás rezarem e louvarem o Senhor e a Santíssima Virgem Maria, em sua própria língua. Música, danças e cânticos indígenas entre as ramagens das árvores, para atraí-los ao Cristianismo. O *Catereté* e o *Cururu*, as toadas e danças preferidas para

festejar Pentecostes, o Divino Espírito Santo, S. Gonçalo, Santa Cruz, S. João e Nossa Senhora da Conceição (Couto de Magalhães, 1897: 27). O esplendor do culto, as procissões, missas festivas, deslumbravam os olhos curiosos dos indígenas. Os arredios cediam ao brilho das festas religiosas (A. Ramos, 1947: 490). "Feitos acólitos os primeiros piás mansos, todos os mais caboclinhos lhes tinham inveja, quando nas procissões entravam, aldeias a dentro, de cruz alçada, entoando ladainhas e cânticos religiosos. O Pe. Américo Novais, baseado em Southey, evocava estas procissões em cores ainda mais vivas: os meninos e adolescentes, vestidos de branco, uns, com açafates de flores, outros, com vasos de perfumes, outros, com turíbulos de incenso, louvavam Jesus triunfante entre repiques de sino e ronco de artilharia". Observa Gilberto Freyre: "Eram as futuras festas de Igreja, tão brasileiras, com incenso, folha de canela, flores, cantos sacros, banda de música, foguete, repique de sino, vivas a Jesus Cristo, esboçando-se nessas procissões de culumins" (G.F., 1966, I: 209-210).

7. Louvável esforço de inculturação. Evangelizar na língua, integrando danças e melodias aborígenes ao culto. Contudo, o Cristianismo europeu trazia um corpo doutrinário judáico-cristão muito mais complexo que os conceitos naturísticos dos espíritos das águas e da floresta, com os quais "se defrontavam" os pajés, que, vivendo "em casa apartada muito escura" e "com a porta muito pequena, pela qual ninguém ousava entrar", gozavam de temida ascendência nas tribos, embora não exercendo poder político. Presidiam às cerimônias e às danças. O transe xamânico os punha em contato com os espíritos, assim o alardeavam. "Evocavam" os "espíritos" alojados nos maracás, apaziguando-lhes a cólera e obtendo os seus favores.

8. A este universo religioso naturístico, traziam os missionários a revelação da Redenção. Com todo o esforço missionário ter-se-á penetrado em profundidade o Cristianismo a ponto de mudar os conceitos religiosos, bebidos com o leite materno, assumindo as "sementes do Verbo" neles existentes? Sob a capa do Cristianismo ter-se-iam encarapuçado os antigos conceitos e práticas tribais? Esta segunda hipótese não é de todo improvável, pois evangelização em profundidade exige tempo e continuidade, difícil para o apoucado número de missionários a braços com as inumeráveis tribos e índios.

9. Ausente a sólida evangelização, a população trilhará a picada do sincretismo da religião ancestral para a nova. Elementos de uma justapor-se-ão ou identificar-se-ão com o que na outra se lhe assemelha. Na aproximação, conceitos e práticas de uma absorvem as da outra que desaparecem, ou se acomodam, num sincretismo apenas aparente, ou se fundem, gerando conceito ou prática nova.

10. Entre o Cristianismo e as religiões ameríndias no Brasil predominou a absorção destas por aquele, embora, com excessões, como no caso do culto da SANTIDADE,

avoenga da atual PAJELANÇA amazônica e, residualmente, do CATIMBÓ nordestino, onde permanece a evocação dos "espíritos" e o uso da fumaça do cachimbo dos pajés. Na PAJELANÇA, têm presença os "espíritos" da Natureza, animais das matas e peixes; no CATIMBÓ, as pseudoalmas de nobres europeus encapados em magia européia. O culto da SANTIDADE abrolha na aurora da colonização brasileira fustigada pela Primeira Visitação do Santo Ofício, como atestam as *Confissões da Bahia* de 1591-1592. O "espírito de *santidade*" ou "*santé*" era o transe advindo com a inalação do fumo do tabaco, "a erva sagrada" (V.C. da COSTA, 1987/02: 78). O culto da SANTIDADE alongou-se no CULTO DOS CABOCLOS, mais ou menos cristianizado e alastrado pelo sertão nordestino, estando no embrião do atual CATIMBÓ, no qual, com breve liturgia, o *mestre* fumiza com o fumo do seu cachimbo os participantes da cerimônia e "recebe" o pseudoespírito de um *mestre* falecido, como Mestre Carlos, Xaramundi, Pinavaruçu, Faustina, Anabar, *mestres* indígenas ou negros feiticeiros, como Pai Joaquim, bons ou maus, fazendo o bem ou o mal, conforme os pedidos dos consulentes.

b. A evangelização dos Negros

11. O problema da evangelização no Brasil amplificou-se com a entrada dos Negros para o trabalho escravo em substituição ao braço indígena na lavoura canavieira e algodoeira. O contingente humano e a diversidade de etnias negras e expressões religiosas complexificou ainda mais o problema da evangelização, multiplicando-o caleidoscopicamente. Segundo os estudos de Nina Rodrigues e Arthur Ramos vieram para o Brasil, ao longo do período da escravidão e tráfico negreiro, aproximadamente três milhões e meio de Negros de várias culturas e etnias africanas.

Culturas e etnias negras

12. Arthur Ramos na *Introdução à Antropologia Brasileira* (1943, v. I: 327) informa que vieram para o Brasil Negros de três conjuntos culturais:

1º) *Culturas sudanesas* representadas pelos:

a) Ioruba da Nigéria (Nagô, Ijexá, Eubá, Keto, etc.)

b) Daomeanos (hoje poderíamos chamar de *beninianos* devido à mudança do nome do país de Daomé para Benin), correspondendo aos Jeje, Ewe, Fon, etc.

c) Fanti-Axanti: Negros Mina, Fanti e Axanti.

d) Grupos menores de Gâmbia, Serra Leoa, Libéria, Costa da Malagueta, Costa do Marfim, tais como os Krumano, Agni, Zema, Timini, etc.

2º) *Culturas guineano-sudanesas islamizadas* representadas pelos grupos:

a) Peuhl (Fulá),

b) Mandinga (Solinke, Bambara),

c) Haussá do norte da Nigéria.

d) Grupos menores: Tapa, Bornu, Gurunsi, etc.

3º) *Culturas Banto*:

a) Angolo-congolesa da Costa Ocidental,

b) Grupo da Costa Oriental.

13. A base cultural comum, com variantes, unia a variedade dos grupos étnicos de cada um dos três grandes grupos culturais vindos para o Brasil com os Negros escravos. Para a nossa análise sobre a evangelização, a problemática cultural, que entrará como forte elemento modelador dos traços da cultura brasileira em início de forja, exige que nos detenhamos no patrimônio religioso, que trouxeram consigo para o cativeiro.

14. Da cultura sudanesa, os *Iorubà* tinham um corpo doutrinário e cultual bem estruturado. *Olorum* era o Ser Supremo coadjuvado na obra da criação por *Obatalá*. Abaixo dele e centrando a prática religiosa estavam os *orixás*: forças da Natureza, tais como, os raios, o vento, o arco-íris, o trovão, os rios, lagos e lagoas, o mar, etc. ou atividades humanas como a caça e a guerra, elevadas a *escalão preternatural*. Os orixás não eram considerados de natureza divina. Foram instalados acima da natureza humana, mas abaixo do Ser Supremo, *Olorun/Obatalá*. No Brasil, *Olorum* tende a esfumaçar-se no esquecimento, substituído por *Obatalá*. Em outra vertente conceitual, os *orixás* são *ancestrais tribais*, sábios e poderosos, que em passado remoto, adquiriram o domínio sobre essas forças naturais, e, por processo de metamorfose, com elas se fundiram no atual conceito de orixás. As etnias *beninianas* denominam *voduns* a esses ancestrais/forças.

Orixás, "espíritos" e culto aos ancestrais

15. Na África é discutido pelos etnólogos o número de orixás cultuados, variando entre 400 e 600, segundo os autores. Desse total apenas um pequeno número subsistirá cultuado no Brasil. Entre os etnólogos, discute-se igualmente, um mito que narra a origem dos principais orixás. Segundo o mito, da união conjugal de *Obatalá* (o Céu) com *Odudua* (a Terra), nasceu *Iemanjá* (a água) e *Aganju* (o solo). *Iemanjá*, desposando seu irmão *Aganju*, deu à luz *Orungã* (o ar). Este, incestuosamente apaixonado por sua mãe, *Iemanjá*, na ausência paterna a rapta e violenta. À proposta do filho de continuarem às ocultas aquela nefanda relação, *Iemanjá* foge apavorada, perseguida por *Orungã*. Quando este está prestes a capturá-la, *Iemanjá* exânime, cai por terra e morre. Seu corpo cresce desmesuradamente. Dos imensos seios brotam dois rios, que se reúnem adiante, formando uma lagoa. Do ventre, descomunalmente volumoso, ao romper-se nascem: *Dada*, orixá dos vegetais; *Xangô*, orixá dos raios, trovão e meteoritos; *Ogum*, orixá do ferro e da guerra; *Olokum* orixá do mar; *Oloxá*, orixá dos lagos e lagoas; *Oiá*, (no Brasil, conhecida como *Iansã*) orixá do Rio Niger; *Oxum*, orixá do Rio Oxum (atualmente, no Rio de Janeiro, orixá das cachoeiras);

Obá, orixá do Rio Obá; *Okô*, orixá da agricultura; *Oxóssi*, orixá dos caçadores; *Okê*, orixá das montanhas; *Aje-xaluga*, orixá da saúde; *Xapanã* (no Brasil, atualmente é conhecido como *Omolu* ou *Obaluaê*) orixá da varíola; *Orun*, o sol ou o "além"; *Oxu*, a lua. A esses, acrescia-se o culto a *Ifá*, orixá da adivinhação; *Exu*, orixá fálico e mensageiro dos demais orixás, e *Ibeji*, orixá dos gêmeos.

16. Os *Ioruba* criam que esses orixás/ancestrais se comunicavam com os seus descendentes, através do fenômeno psíquico do *estado de transe*, ou da assim dita "possessão" ou "incorporação". Os descendentes de cada um desses orixás/ancestrais eram obrigados a manter culto especial a ele, não tendo que cultuar nenhum outro orixá. Em situações especiais, contudo, poderiam ser aconselhados pelo *babalawo* ou *babalaô*, sacerdote da adivinhação, a prestar culto a outro orixá, para superar dificuldades existenciais.

17. Os Negros de etnias agrupadas sob a designação de *Culturas guineano-sudanesas islamizadas* tinham conhecimento do Alcorão e práticas religiosas *muçulmanas*. Combativos, lideraram várias revoltas de escravos e no Império muitos foram devolvidos à África.

18. Na África, os *Banto* tinham *Zambi* ou *Zambiampungu*, como Ser Supremo. O centro da vida religiosa, contudo, girava em torno do *culto aos ancestrais*, que, como os Ioruba, acreditavam se comunicassem com seus descendentes, através do *transe de possessão* ou *incorporação*. Criam na existência de "espíritos" das matas e mortos-vivos, os *zumbis*, objeto de práticas cultuais pelos feiticeiros. As forças da Natureza não eram objeto de culto, como entre os sudaneses.

A problemática evangelização dos Negros escravos

19. De posse dessas rápidas informações sobre as expressões religiosas das diversas culturas e etnias dos Negros vindos para o Brasil, durante os séculos de trabalho escravo, percebe-se mais facilmente a complexidade que a evangelização enfrentará. Por formação cultural cristã, havia negreiros exigindo o batismo para os Negros. Talvez, nem tanto por consciência da dignidade de filhos de Deus, que os escravos receberiam com o Batismo, mas para não estarem em contato com pagãos, sujeitos ao pecado original, e, como conseqüência, *em poder do Demônio*. Na lógica dessas convicções muitas vezes os escravos eram batizados ainda nos portos africanos, enquanto aguardavam a horripilante viagem que os traria aos portos de venda no Brasil. Acorrentados uns aos outros e marcados a ferro em brasa, que evangelização se poderia dar nesse contexto de estertor e terror! Meia dúzia de respingos de água benta, talvez, o início do aprendizado de algumas orações cristãs, numa língua estranha e o embarque para as fauces do inferno.

20. O que eram as travessias do Atlântico escapa-nos à imaginação. Amontoados como animais, acorrentados pelos negreiros com pesa-

dos ferros, dentro dos porões, começava o calvário dos Negros, destinados ao trabalho escravo nas fazendas do Brasil e da América. A carga humana era comprimida ao máximo entre as paredes do navio. Estes, em geral, pequenos, devido à dificuldade das grandes caravelas atracarem nas costas rasas do continente africano. Falta de banho, de asseio, a promiscuidade com as fezes e urina, dejectadas no próprio lugar, tornavam o amontoado de escravos um caldo de cultura para as bactérias, bacilos e germes de todas as doenças. Ao atulhamento se ajuntava a atrocidade da escassez de víveres. Os pequenos barcos não permitiam amontoar grandes quantidades de comida para todos. A longa travessia aconselhava a não gastar muito com os escravos, se acontecesse algum capricho metereológico que atrasasse a chegada aos portos de destino. O navio que ficasse retido entre o céu e a água pelas calmarias africanas ou qualquer outro acidente, via-se ante as piores conseqüências. Demorava-se a viagem de galeão seiscentista, de Angola a Pernambuco, uns quarenta dias, mais ou menos. Se imprevistos modificassem o cálculo dos navegantes, podia acontecer o fato descrito por autores antigos, de irem ter à costa embarcações desarvoradas, no bojo, cadáveres (A. E. TAUNAY, 1941). Dos embarcados, um sem número morria neste ambiente fechado e infecto. Comprimidos e aturdidos, os Negros mal conseguiam levantar o peito para respirar o ar infecto. Gemiam e gritavam. A canícula insuportável matava-os. Diariamente, os negreiros se defrontavam com cadáveres em putrefação encadeados a homens ainda vivos.

21. A dantesca travessia regurgitava os poucos sobreviventes em algum dos portos da costa brasileira, de onde eram vendidos para os senhores de engenho e demais colonizadores. A chegada simultânea nos portos, de navios negreiros provenientes de diferentes pontos da África com "cargas" de várias etnias, permitia aos compradores levarem para as plantações Negros "Mina", "Congo", "Guiné", "Angola" e outros. Diversidade de línguas e dialetos. Nas fazendas de algodão e engenhos de açúcar, o escravo era aplicado primariamente ao plantio, como "Negro de campo", "escravo do eito". No decorrer dos anos, com o aumento da escravaria nos engenhos, a especialização do trabalho criou o "Negro de ofício", perito na produção do açúcar e o "Negro doméstico". Este, nas cidades, originou o "Negro de ganho" e o "Negro de aluguel".

22. Vindos e comprados para o trabalho escravo nos engenhos e fazendas, a situação dos Negros divergia radicalmente da que tinha dado azo aos "aldeiamentos" indígenas e permitido a evangelização. A multiplicidade de línguas e dialetos negros seria contornável, embora mais delicada do que fora a dos dialetos do tupi, que desaguou no *abanheenga*, a língua geral. O nó da dificuldade era estarem os Negros sem liberdade de tempo, para receberem a evangelização. Eram *propriedade* dos senhores e empregados todo o tempo da semana no trabalho. Catequese só era possível

nos domingos e festas, durante os sermões na capela da fazenda ou nas apressadas visitas que missionários ou capelães faziam de tempos a tempos às fazendas e engenhos, para a administração dos sacramentos. Tempo e condições para uma evangelização sólida era devaneio. O sinal-da-cruz, as orações mais simples boiando no caldo de rudimentos sobre a pessoa de Jesus, como nosso Salvador, que morreu na cruz, sobre Sua e nossa Mãe, Maria e a participação nas festas dos Santos da devoção da família do senhor já era muito. Outras informações sobre o Cristianismo recebiam os escravos recém-comprados dos mais antigos, residentes nos engenhos. A precariedade desta evangelização dos Negros do eito, será acrescida dos restolhos informativos vindos dos Negros que trabalhavam na casa-grande e participavam das devoções e rezas dos senhores. Verniz de Cristianismo gotejado, aqui e ali sobre a fé nos orixás e culto dos ancestrais tribais, subjacentes à consciência religiosa dos escravos. Não obstante a bondade que se apregoava do Salvador Jesus Cristo, o Cristianismo era a fé e a religião do senhor, do algoz, daquele que mandava o feitor chicotear até sangrar, que mandava colocar a gargalheira no pescoço de Negro "fujão". Era a religião do dominador, mal conhecida e recente. Nos momentos de angústia, de saudade, de ódio e desejo de vingança sobre o algoz brotava do fundo da consciência o apelo aos orixás/ancestrais, aos "espíritos" bem ou malfazejos das práticas de magia e outros rituais religiosos, sob a máscara dos Santos cristãos, vistos nos altares da capela da fazenda e do engenho e nos oratórios das sinhás.

23. No decorrer dos anos, à medida que conseguiram obter com os próprios recursos, desviados da renda do trabalho escravo, especialmente nas lavras de ouro e diamantes em Minas Gerais, a própria alforria, a Igreja teve maiores possibilidades de evangelização dos ex-escravos nas Irmandades do Rosário dos Pretos e de Nª Sª da Conceição. Muitos dos membros das irmandades já eram filhos de escravos ou libertos. O convívio urbano tanto facilitou os agrupamentos dos Negros dentro da Igreja, como reestruturou as práticas arcaicas do culto aos orixás, voduns e evocação das almas dos ancestrais nas principais cidades do litoral. Sob a fachada sincrética dos Santos cristãos no Maranhão se organizou o culto aos *voduns* no TAMBOR ou CASA DAS MINAS. Em Pernambuco, e daí se difundindo para os Estados vizinhos de Alagoas, Sergipe, Paraíba e Rio Grande do Norte, o culto dos orixás, no XANGÔ. Na Bahia, o CANDOMBLÉ e no Rio Grande do Sul, o BATUQUE. No Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo predominaram os *banto*, ao contrário dos outros Estados, onde a organização do culto foi basicamente *sudanesa*. Como a base da religião banto é o culto às almas dos ancestrais, a MACUMBA e seus desdobramentos atuais, a UMBANDA e a QUIMBANDA são centradas na evocação das 'linhas' das pseudoalmas de *Pretos-velhos, Caboclos, Crianças, Orientais* e *Exus*, estes, transformados de *orixá* ioruba em 'almas' de margi-

nais, dentro da MACUMBA, por influxo da doutrina kardecista, o espiritismo de mesa, introduzido dentro da MACUMBA.

c. A evangelização do Branco e o Catolicismo lusobrasileiro

24. O Catolicismo do colonizador português antes de pisar as areias brasileiras não era uma religião interiorizada, centrada no Evangelho e na vida de união com Deus, pela graça santificante, alimentada pela freqüência dos sacramentos. Era uma religião exteriorizada, adscrita aos atos externos de culto, ou melhor, aos atos devocionais, às missas assistidas mais pelas mulheres e... festas! muitas festas!... em honra dos Santos, onde rapazes e moças podiam "flertar" livremente. Os Santos amalgamados com arquétipos de arcaicas religiões. Cristianismo infiltrado de sensualidade islamítica, superstições e magia medieval nas festas, cantos, danças, quermesses, orações rezadas nos momentos de dificuldades e súplicas de milagres em troco de velas e peregrinações.

25. Os Anjos e Santos ocupavam o centro desta religiosidade. Anjos e Santos profundamente humanizados, concebidos quase como pessoas da família, participando intimamente das alegrias e dissabores do dia-a-dia, "só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo". Cristianismo de "bois entrando pelas igrejas para ser /benzidos/ pelos padres; /de/ mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o Menino Deus; ... /de/ maridos cismados de infidelidade conjugal, indo interrogar os 'rochedos dos cornudos' e as moças casadouras, 'os rochedos do casamento' (G. Freyre, 1966, I: 29, 311-312). Cristianismo de Santo Antônio festejado por rapazes, moças e solteironas, para arranjar casamento, reaver objetos ou amores perdidos; de São Brás, invocado na cura das doenças da garganta; de Santa Luzia, contra as afecções da vista; de S. Sebastião encarregado de afastar a fome, a peste e as guerras em troca de velas e promessas.

26. Com a colonização, esta religiosidade popular portuguesa se transplantou para o Brasil, sofrendo as adaptações e assimilações inerentes ao novo ambiente e ao convívio com a população ameríndia e negra. As características geográficas e de evangelização do Brasil perpetuaram este Catolicismo popular, dando-lhe cor local. Como vimos, desde o início da evangelização, o Brasil foi carente de clero, à altura das necessidades, com a conseqüente repercussão no Catolicismo dos Brancos, Índios, Negros e mestiços.

27. Se no início, quando a população Branca ainda era pequena e os missionários podiam dedicar todo o tempo à evangelização dos selvícolas, o número de padres já era insuficiente para atender a toda a população da Colônia, quando a população Branca e mestiça cresceu em decorrência da liberação libidinal com índias e negras, no aliciante clima quente tropical, a situação tornou-se crítica. Seja pelo fato das vocações nativas terem si-

do sempre poucas, em confronto com as necessidades da Colônia, como, por conseguinte, estar sempre dependente da chegada de missionários estrangeiros, para suprir o deficit de padres, a população não teve em toda a sua história evangelização condizente com sua necessidade, capaz de erradicar-lhe os resíduos de velhas superstições, crendices e práticas heterodoxas, hauridas da magia medieval européia, das religiões arcaicas euroasiáticas, das práticas religiosas dos caboclos, ou da mitologia e ritual africanos. No Brasil, todos estes elementos se amalgamaram.

28. A vastidão do território e as imensas distâncias a serem percorridas a pé ou no lombo de cavalos, léguas e léguas, de um povoado a outro, não permitia uma evangelização profunda nem continuada. O missionário e depois os vigários das paróquias, tinha de fazer visitas rápidas, administrar os sacramentos, especialmente, o batismo, no início, aos adultos, e, após, às crianças, regularizar matrimônios, ouvir confissões. Quando dispunha de mais tempo, preparar as crianças para a Primeira Comunhão. Com a miscigenação e conseqüente aumento da população, o problema da evangelização tornou-se crítico.

Vida da Graça e Sacramentalização

29. A consciência teológica do clero sobre a necessidade da vida da graça santificante para a eterna salvação, levou-o, na carência de tempo para a evangelização e sacramentalização da população crescente, *a privilegiar a administração dos sacramentos*, como veículos da graça santificante. O aprendizado das principais orações e verdades da fé na preparação da Primeira Comunhão e, o subseqüente convívio familiar, levavam à suposição de um conhecimento e vivência sólida da fé cristã. A isso restringia-se a evangelização! Estas precárias condições, mas as únicas possíveis, nas circunstâncias coloniais, foram formando a religiosidade popular católica: devocional, sacramental, raquítica de Evangelho!

Catolicismo Popular

30. No decorrer dos séculos, os missionários europeus franciscanos, carmelitas, agostinianos, dominicanos, mercedários, jesuítas, etc., em levas sucessivas mantiveram o veio devocional santoral português, com a introdução e difusão do culto aos Santos de suas próprias Ordens e Congregações, através de Irmandades, Confrarias com novenas, tríduos, procissões, quermesses, festas do Padroeiro, peregrinações. Assim surgem Santuários e Centros de peregrinações, nas cidades do litoral e do interior, a S. Francisco de Assis, ou das Chagas, a Santo Antônio e Santa Clara pelos Franciscanos, a Santo Agostinho, Santa Mônica ou Santa Rita de Cássia, pelos agostinianos, a Nª Sª do Carmo pelos carmelitas, ao Bom Jesus Crucificado ou Flagelado, às Nossas Senhoras da Penha, ou do Rosário, etc. Essa linha devocional tangenciará situações criticadas pela hierarquia da Igreja, como é o caso da devoção ao Padre Cícero, em Joazeiro, que atrai levas de romeiros de todo o sertão nordestino.

O devocional popular e o Concílio Vaticano II

31. O Concílio Vaticano II questionou a estrutura devocional epidérmica e despertou na Igreja no Brasil preocupações centradas na Evangelização e sua identificação com a realidade eclesio-social do homem brasileiro, suscitando o aparecimento das *Comunidades Eclesiais de Base*, as CEBs, hoje espalhadas por todo o Brasil. Com elas deslocou-se o centro da atenção pastoral da sacramentalização para a evangelização, especialmente das populações economicamente menos favorecidas, após Medelin e Puebla.

Catolicismo de Classe Média

32. Do lado do Catolicismo de Classe Média, o devocional se organizou, seja numa linha de pura piedade, como o *Apostolado da Oração*, centrado na devoção ao Sagrado Coração de Jesus, para homens e senhoras, nas *Filhas de Maria*, para moças, na *Congregação Mariana*, para rapazes, e na *Cruzada Eucarística*, para crianças; ou, numa linha de piedade com certo engajamento social a molde da *Ação Católica*, força predominantemente jovem e setoriada: a JAC — Juventude Agrária Católica — para os jovens do campo; a JEC — Juventude Estudantil Católica — para adolescentes dos colégios; a JOC — Juventude Operária Católica — para jovens atuantes no meio operário, e a JUC — Juventude Universitária Católica — para jovens estudantes de Universidades. O "aggiornamento" que a Igreja se propôs com as Constituições e Decretos do Concílio Vaticano II, teve impacto também sobre estas expressões de piedade devocional, pedindo uma piedade evangélica, eclesial e engajada no mundo moderno. Irmandades, Confrarias, Congregações, Apostolado da Oração, Filhas de Maria, Congregação Mariana, Cruzada Eucarística, Vicentinos, JAC, JEC, JOC, JUC, Ação Católica, etc. entraram em crise.

33. A desvalorização da piedade pessoal em favor de uma mais eclesial e comunitária, com a efervescência pós-conciliar, deixou muitos perplexos e envergonhados das formas antigas de piedade, então, fortemente atacadas nas pastorais. Muitas pessoas se afastaram por terem perdido a forma religiosa antiga e nada terem recebido de novo. Nesse marasmo, na década de '60 foi introduzido no Brasil, procedente da Espanha, onde foi elaborado, o *Cursilho de Cristandade*. Esforço para reconquistar para o Catolicismo, cristãos batizados, mas descompromissados com a fé na vida pessoal e profissional numa Europa descristianizada e laicizada. Tentativa de reinstaurar um Catolicismo atuante para adultos, através da técnica psicorreligiosa de impacto e surpresa, com muito de emocional nos testemunhos. Mas também aqui o ponto frágil é a ausência de sólida evangelização no pós-encontro. A novidade iniciada em São Paulo se espalhou pelo Brasil. De sua metodologia e sistemática surgiu o TLC — *Treinamento de Liderança Cristã* — para jovens, em Campinas, e daí se difundiu para os Colégios e Paróquias. Os *Encon-*

tros de Casais com Cristo adaptaram o conteúdo e metodologia para o relacionamento conjugal e familiar.

34. A problemática da piedade pessoal devocional de um Cristianismo formal em sua liturgia e Associações Religiosas questionadas esvaziou o bojo das expressões espontâneas do relacionamento com Deus na oração. A premente sede de Deus, conatural ao ser humano e, no caso da nossa população miscigenada de portugueses, Negros e índios, obesa de afetividade e expressão corpórea, desalterou-se na estruturação das reuniões de *Oração Carismática,* iniciada entre os grupos evangélicos, e, por osmose ecumênica, absorvida pelo Catolicismo. Também nesta nova formulação devocional, centrada nas diversas modalidades de oração, o nervo exposto continua sendo a ausência de sólida evangelização dos seus participantes. Lê-se mais a Bíblia, mas é interpretada dentro de uma visão pessoal, quando não distorcida, quando sucede deixar-se à livre interpretação dos membros do grupo. Falta uma evangelização sólida e sistemática. Vive-se uma devoção pessoal, interiorizada, mas precária de formação evangélica. A expressão pessoal nos gestos, cânticos e orações feitas em voz alta ou em sussurros, com forte agitação motora, às vezes descontrolada, dão azo a confusões com os fenômenos dos *Terreiros* das Religiões Afrobrasileiras e Kardecistas. Pessoas psiquicamente problemáticas, ou que já participaram de rituais africanos ou espíritas, sentem-se perturbadas, não conseguem diferenciar uma prática religiosa das outras, vivendo simultaneamente as duas.

Catolicismo "espírita" e Kardecismo

35. O ESPIRITISMO KARDECISTA, oriundo dos Estados Unidos em 1848, com Margarida e Catarina Fox, na cidadezinha de Hydesville, e elaborado doutrinariamente por Allan Kardec, na França, nos meados do século passado, veio para o Brasil, onde se difundiu, especialmente entre a Classe Média branca. Este culto aos "espíritos", encontrou lastro para se difundir nas crenças étnicas dos índios, Negros e portugueses que aqui se miscigenaram física e culturalmente. A elaboração da doutrina evangélica dentro da ótica espírito-kardecista, favoreceu o aliciamento de muitos católicos, batizados, mas minievangelizados, que, ou adotarão a doutrina e a prática espírita, ou permanecerão na Igreja, mas aceitando a doutrina da reencarnação, negando o dogma do Inferno, confusos sobre a divindade de Jesus e o sentido redentor de sua morte na Cruz, apresentada pelos kardecistas como conseqüência da fidelidade de Jesus a seus próprios ensinamentos. A aceitação da doutrina kardecista pela população branca mais pobre e freqüentadora dos *Terreiros* das Religiões Afrobrasileiras, ocasionará a cisão da MACUMBA nas atuais QUIMBANDA e UMBANDA, esta aceitando a doutrina kardecista, como substitutiva da doutrina tradicional banto em processo de esquecimento nos terreiros cariocas. Esta assimilação favorecerá o acolhimento da UMBANDA por gran-

de contingente de população branca, que repudia as práticas tipicamente africanas da MACUMBA e do CANDOMBLÉ.

Evangélicos Pentecostais

36. Nesta panorâmica da problemática religiosa, com vistas a uma Nova Evangelização, especialmente por parte dos religiosos, hoje, merece uma especial reflexão eclesial, a explosão das Religiões Evangélicas PENTECOSTAIS, especialmente nas grandes cidades. Vindas para o Brasil no início do século passado, hoje, estão em franca expansão nos meios urbanos. Algumas expressões evangélicas clássicas, como Luteranos, Anglicanos e outros, para aqui vieram com os colonos europeus do Sul do Brasil. Outras mais recentes, como Presbiterianos, Batistas, Metodistas, Pentecostais, Assembléia de Deus e, recentemente, as Casas da Bênção, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Pentecostal Nova Vida, Igreja Internacional da Graça, Igreja Cristo Vive, como diz o evangelizador Miguel Ângelo, que deixou a Igreja Pentecostal Nova Vida, o pentecostalismo cresce com "uma pregação ostensiva e penetrante da palavra, oferecendo transformação de vida e curas, *ocupando lacunas da Igreja Católica*" (J. A. BARROS, 1987/01).

37. Os meios privilegiados desta penetração e arrebanhamento, especialmente, entre a população pobre urbana e suburbana são os programas apresentados nos meios de comunicação social audiovisuais: rádios e televisões. A exigência do dízimo e a pressão psicológica para doações em dinheiro — como generosidade para com Deus! — oferecem os meios para a construção e multiplicação dos templos. "Um dos melhores exemplos da expansão pentecostal é a IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, que saiu da Abolição para o mundo. Além de um Instituto Bíblico, fechado ao público externo, a UNIVERSAL possui a Rádio Copacabana (em novembro de 1987 ocupava o 4º lugar em audiência, entre as outras emissoras AM do Rio), uma gráfica e uma firma de engenharia, que pretende criar uma fábrica de igrejas. A UNIVERSAL projeta também uma catedral evangélica na Barra da Tijuca [no Rio de Janeiro], com capacidade para pelo menos dez mil fiéis, além da construção de um estúdio de TV e uma clínica odontológica. Registrada como sociedade sem fins lucrativos e reconhecida [em outubro de 1987] como de utilidade pública — pela Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro — a UNIVERSAL tem fora do Rio, 184 locais de reunião em 17 Estados, além da Espanha e dos Estados Unidos. Em 1987 tinha 16 horas por dia de programação evangélica na rádio de sua propriedade e uma hora na TV (na madrugada e pela manhã, dos quais 30 minutos transmitidos em cadeira nacional. Só o programa de TV custava em 1987 mensalmente Cr$ 600 mil. O pastor Honorílton Gonçalves, porta-voz do bispo Macedo na sua ausência, afirma não ter idéia do movimento financeiro da Igreja. De qualquer forma, a UNIVERSAL [na época] preparava milhares de sacolas (gazofiláceos, na linguagem bíblica) para

recolher "as ofertas" na maior reunião evangélica no Rio, marcada para o dia 27, simultaneamente no Maracanã e Maracanãzinho. A Igreja [prometia] o *"derramamento do Espírito Santo"* [!]. Com entrada franca (J. A. BARROS, idem). Nilópolis, município do Grande Rio, com 9 km² e 160 mil habitantes, tem 100 igrejas evangélicas contra 4 católicas! (THYS, B. e L. N. 1988/01). Este crescente contingente de adeptos das Igrejas Pentecostais é conquistado às Religiões Afrobrasileiras, contra as quais os Pentecostais estão em guerra declarada, por identificarem as manifestações psicológicas do inconsciente das pessoas em estado de transe, como *possessão satânica.* A insegurança e solidão do homem pobre e marginalizado nas grandes cidades, como o Rio de Janeiro, gera a necessidade psicológica de sentir a proteção de Deus. As Religiões Pentecostais "asseguram" essa proteção da parte do "Senhor Jesus", e os espíritas e afrobrasileiros, dos *"guias de luz"* e *"orixás"*. Na Igreja Católica, essa função *protetora* era exercida pelos Santos da devoção pessoal, e, agora, nos *Grupos Carismáticos,* por Jesus.

2. A NOVA EVANGELIZAÇÃO

38. Esta é a realidade religiosa popular brasileira, a ser neoevangelizada! Uma realidade religiosa complexa e diversificada. A Nova Evangelização deve se ajustar às características de cada uma dessas atuais expressões da religiosidade popular. Uma será a nova evangelização da grande massa da população, ligada ao Catolicismo popular tradicional, descendente do luso-brasileiro inicial, outra, a dos freqüentadores de Centros afrobrasileiros ou sessões de Espiritismo Kardecista; uma, a de pessoas do povo, vinculadas aos movimentos carismáticos, outra, a dos cristãos pobres da periferia das grandes cidades ou do campo, engajados na atuação eclesiosociopolítica das CEBs e Teologia da Libertação. A Nova Evangelização deve levar em conta o diálogo ecumênico e inter-religioso, assim como a liberdade religiosa garantida pela nova Constituição brasileira. A Nova Evangelização deve atingir as pessoas desfiguradas pelo anonimato das megalópolis, onde a dessacralização da vida e dos valores acompanha o crescimento tecnológico e científico. Evangelização de uma população *microevangelizada,* como vimos, mas faminta da Palavra de Deus, não obstante ser esta freqüentemente vivida como *"último recurso"* para resolver angustiantes problemas da vida pobre e carente, diária. Evangelização de uma população de mais de 145 milhões de brasileiros, procedentes de várias etnias, professando vários credos, quando não totalmente alheios à preocupação e vivência religiosa, como é comum nas camadas mais elevadas da sociedade. Como na

primeira evangelização, para a Nova Evangelização será imprescindível a colaboração dos religiosos, face ao perene problema da carência de clero para atender uma população imensa e em explosão demográfica. Os religiosos, por não estarem adscritos a áreas territoriais, como o clero diocesano às paróquias, têm maior liberdade de atuação pastoral na evangelização desses setores religiosos populares. Mesmo acrescido do clero religioso, incluindo as religiosas e agentes de pastoral leigos, a magnitude da obra de evangelização de uma população tão vasta está a exigir o uso dos meios de comunicação de massa, especialmente, a televisão, que hoje cobre todo o território nacional. O uso deste poderoso meio de comunicação, contudo, exigirá uma nova metodologia de comunicação da Palavra: impessoal, entre o evangelizador e os fiéis por trás dos aparelhos e balizada pelo custo do tempo de cada programa nas principais redes de TV. A Campanha da Fraternidade deste ano levantou o véu deste setor com suas implicações na evangelização e transmissão da verdade.

39. Face às características da atual situação religiosa da população é necessário que a Nova Evangelização dirija-se tanto à totalidade da população que tem um Catolicismo cultural, como assumir traços específicos, quando se dirigir a grupos religiosos determinados. No atendimento da população católica as *homilias,* após as leituras da Liturgia Eucarística, na maioria das vezes não têm sido utilizadas em todo o seu excepcional potencial evangelizador. Muitos sacerdotes não aproveitam esse precioso tempo para fazerem uma autêntica evangelização, que incluiria a exegese do texto bíblico, dentro do contexto litúrgico do domingo e do evangelho donde foi tirado, dando ao povo uma análise clara do sentido das perícopas, de sua linguagem e significado dos fatos históricos, contexto em que foi escrito e mensagem revelada, antes de fazer a transposição e aplicação à atual situação dos fiéis. Freqüentemente os sacerdotes têm receio de se alongarem na exposição do Evangelho, e, por não fazerem uma autêntica exegese do texto, se contentam com uma abordagem perfunctória de um ou outro tópico, quando não descambam para outros temas que nada têm a ver com o Evangelho, omitindo a fundamentação da fé, que se apóia na infalibilidade da palavra de Deus. Este é o motivo porque muitos fiéis se queixam e fogem das homilias, como é freqüente se ouvir comentários, o que não acontece face as longas pregações dos pastores pentecostais sobre a Palavra de Deus da qual o povo é sedento! A grande maioria da população católica não conhece os Evangelhos, entre outros, por esse motivo. Mesmo cristãos que freqüentam Grupos Religiosos Católicos, como *Cursilhos, Equipes de Casais,* etc., não entendem os Evangelhos quando os lêm, nem tiram fruto para a própria vida pessoal, familiar ou profissional. Do que ouvem nas homilias dominicais quase nada levam para a vida diária durante a semana.

1) Religiões populares de base ameríndia

PAJELANÇA:

40. A Evangelização face à PAJELANÇA do Amazonas e Pará deve levar em conta o universo *mítico* dos "espíritos encantados" de homens e animais, que sustém esta prática religiosa popular. Este universo *irreal,* mas "real" na mente dos praticantes, tem de ser conhecido pela evangelização, para ser elaborado, quando do esclarecimento da natureza puramente "mental" desses seres e, portanto, de sua impossibilidade de atuação benéfica ou maléfica na vida humana, por carência de existência real. Esse trabalho de esclarecimento é fundamental na evangelização, porque, como são seres de existência puramente mental, enquanto persistir a *crença* em *sua existência,* permanecerão os efeitos psicossomáticos a eles vinculados. Restarão como sombras movediças no fundo do inconsciente, sob a doutrina e prática advindas da evangelização.

CATIMBÓ:

41. Face ao CATIMBÓ, como à PAJELANÇA, a Nova Evangelização, tem de ter presente ante os olhos, o núcleo e estrutura desta prática religiosa popular nordestina. A *pseudoevocação* e "possessão" do *mestre* por *pseudoespíritos* de *mestres* falecidos, como *Mestre Carlos, Xaramundi,* etc., para, através de conselhos de bem viver, uso de amuletos, orações, remédios, dietas ou feitiços, afastar "forças malignas" ou provocar correspondência amorosa ou sexual, suplicada pelo consulente ao *mestre,* não tem fundamento real, e, portanto, só atuam pela sugestão. A Nova Evangelização tem de orientar, para permitir ser superado, esse caldo de cultura mágica euroameríndia, com informações fundamentadas sobre as verdades da fé e suas conseqüências no agir diário em relação ao mundo e ao plano salvífico de Deus, realizado em Jesus, que com sua morte redentora, nos libertou do "poder das Trevas". O medo e a crença na existência e poder desses *seres imaginários* acorrenta e impede o crescimento na fé, fruto da sólida evangelização.

2) Religiões populares Afrobrasileiras:

TAMBOR DE MINA, XANGÔ, CANDOMBLÉ, BATUQUE, MACUMBA, QUIMBANDA e UMBANDA

42. O anúncio revitalizado do Evangelho aos praticantes e simpatizantes das RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS deve ter em consideração a crença na *existência* e *atuação,* através das *pseudoincorporações* de seres também *míticos* (embora hoje haja sinais da parte de Grupos Negros católicos atuantes, de querer interpretá-los como "energias intermediárias" do Ser Supremo — OLORUM, entre os Ioruba e ZAMBI, entre os Banto) tais os

voduns/ancestrais beninianos na CASA ou TAMBOR DE MINA, no Maranhão, ou os *orixás/ancestrais* Ioruba no XANGÔ de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte, no CANDOMBLÉ, predominante na Bahia, mas também esparçamente praticado em outros Estados do Brasil, no BATUQUE — confinado ao Rio Grande do Sul — e mesmo na MACUMBA, QUIMBANDA E UMBANDA, onde, igualmente, foram introduzidos, para serem homenageados. Acoplado esses cultos a *voduns* e *orixás,* deve-se ter em mente o culto às *pseudoalmas* de *Pretos-velhos, Caboclos, Crianças, Exus, Pombagiras* e *Orientais,* próprios à cultura Banto da MACUMBA, QUIMBANDA e UMBANDA. Na Nova Evangelização dos simpatizantes e praticantes desses cultos é necessário a explicitação e conscientização da natureza *mítica,* portanto, de existência apenas "mental" dos *voduns* e *orixás* ou *ideotípica* das *pseudoalmas* de *Pretos-velhos Caboclos, Crianças,* etc. Aqui, a problemática é mais intrincada porque muitos dos freqüentadores são católicos batizados ou até já foram praticantes do Cristianismo. Muitos freqüentam também a Igreja e conhecem, ao menos nas missas que ouvem, ou ouviram, passagens do Evangelho e da doutrina da Igreja. Não se encontram no estado de total ignorância da mensagem evangélica. Têm por isto grande confusão de idéias. Com a freqüência, sobretudo, a alguns grupos de Terreiros de UMBANDA, também assimilaram a doutrina reencarnacionista kardecista, que hoje está presente no corpo doutrinário umbandístico. A pessoa de Jesus é outro ponto crucial. Para elas será de capital importância estabelecer-lhes, com provas evangélicas, a divindade de Jesus, negada pelo kardecismo. Decorrendo da certeza da divindade de Jesus, está o sentido redentor de sua morte na Cruz e da veracidade de seus ensinamentos sobre a existência do Inferno e demais pontos da doutrina cristã. A Nova Evangelização destes grupos exige o conhecimento aprofundado de todas as vertentes donde procedem os arroios do sincretismo.

3) Expressões religiosas católico-populares

43. No interior do Brasil, onde se perpetua o Catolicismo devocional, santoral, doméstico e festivo, permeado de superstições mágico-religiosas, a evangelização defronta-se com a exigüidade de clero diocesano na vastidão das paróquias rurais, pontilhadas de povoados distantes e, por isso, difíceis de serem atendidos, mesmo hoje percorridos a carro pelos párocos. Estes, em muitas capelas mal conseguem celebrar uma missa mensal ou bimensal. Têm necessidade de se multiplicar, formando Equipes de Leigos colaboradores. Mesmo na formação destas, é precária a evangelização, por carência de tempo, devorado pela sacramentalização das celebrações de missas, batizados e casamentos. Nestas condições nasceram as *comunidades Eclesiais de Base* rurais, suburbanas e urbanas, onde os próprios leigos tentam, com mil dificuldades, entender o texto evangélico dos folhetos das missas dominicais, ou da celebração da Li-

turgia da Palavra, aplicando-os à vida pessoal, familiar, profissional e, recentemente, sócio-política. Aqui, um sistema de evangelização por rádios, muito ouvidos, amplificaria excelentemente a evangelização. Se assumida por religiosos e suas Congregações, seria excepcional colaboração prestada à causa da evangelização no Brasil.

44. Nos núcleos urbanos das pequenas cidades do interior, como das grandes, onde ainda subsistem, mesmo estioladas, as *Associações Religiosas de Piedade,* tipo Irmandades, Confrarias, Ordens Terceiras, Vicentinos, Apostolado da Oração, Congregações Marianas, CVX, Ação Católica, etc., dever-se-ia aproveitar as estruturas existentes para um revigoramento da vida religiosa, apostólica e sócio-política do grupo pela evangelização, assumida como parte básica das reuniões, fundamentando evangelicamente a vida pessoal e apostólica.

45. Idêntica ênfase dever-se-ia dar às reuniões dos pós-encontros dos *Cursilhistas, Equipes de Nª Senhora,* ou *Grupos de Casais com Cristo,* etc. Em todos eles, a grande atrofia é a delegação aos pós-encontristas da *autoevangelização,* por carência nas equipes diretoras de pessoas solidamente evangelizadas, capazes de formar a consciência cristã dos casais recém-saídos dos Encontros. Esta lacuna leva muitos casais no período do pós-encontro a esmorecer no "fervor" inicial e abandonarem os grupos, voltando a um Cristianismo cultural, quando não, outra vez, à indiferença religiosa, ou a transformarem as reuniões em *encontros sociais* de casais que se tornaram amigos a partir dos Encontros. Todo o trabalho de congregar casais e levá-los aos Encontros se esvai no vazio da formação evangélica após o Encontro. Faltando evangelização, todo o esforço inicial se perde com o tempo, para muitos casais. Desaperece a motivação da "novidade" e do "impacto" dos Encontros.

46. À variedade de *formas de oração* e *cura interior,* que caracterizam os *Grupos de Oração Carismática Católica,* faz-se necessário acrescentar à vida interior dos participantes, que neles reencontram o diálogo com Deus pela oração, maior conhecimento dos Evangelhos. Também aqui, como nos pós-encontros de *Casais com Cristo, Equipes de Nª Senhora,* etc., falta sólida evangelização, através da leitura e análise dos textos, por pessoas competentes. As reuniões de oração seriam excelente ocasião para o aprofundamento na evangelização. Há vida de piedade *pessoal,* apoiada na oração, mas *pouco nutrida de Evangelho,* por ser mal conhecido e pouco compreendido e, como conseqüência, pouco fundamentando os critérios de discernimento espiritual, necessários à separação da ação sobrenatural de Deus por Seu Espírito, dos fenômenos psicológicos, parapsicológicos e até espíritas, difusos aqui e acolá nesses grupos!

4) Neoevangelização dos católico-espírito-kardecistas e católico-afrobrasileiros

47. A fenomenologia do comportamento religioso dos *Grupos de*

Oração Carismática Católica alicia muitos simpatizantes das doutrinas afrobrasileiras e kardecistas. Muitas dessas pessoas foram batizadas na Igreja, mas sem evangelização sólida, buscaram na doutrina reencarnacionista kardecista a falsa resposta ao problema da dor em nossa vida, especialmente a de crianças disformes ou mortas prematuramente, junto com a pacificação do desejo de contato com mortos queridos, cuja perda, especialmente por acidentes brutais, é tida como insuportável. Com o ingresso nessas sessões, sofrem o bombardeamento da doutrinação kardecista. Desprovidas de fundamentação evangélica, entram em confusão doutrinal, aceitando as respostas aparentemente "mais lógicas" do kardecismo às angústias existenciais. Nesse torvelinho é questionada e negada a divindade de Jesus, sua Morte *redentora,* substituída por uma morte "exemplar" de coerência pessoal, em conseqüência das Suas próprias idéias. As implicações teológicas daí advindas são previsíveis. Muitas dessas pessoas, na falta de evangelização, continuam freqüentando a Igreja, não vendo incompatibilidade nas duas doutrinas e, por isso, até participando de movimentos eclesiais! Diante de tal caos doutrinário é de suma urgência a intensificação do trabalho evangelizador, para restituir a essas pessoas o conhecimento esclarecido das verdades da fé cristã, apoiadas na *inerrabilidade* dos ensinamentos de Jesus, por ser Ele Homem-*Deus*.

48. Esta norma se aplica diversamente aos simpatizantes das RELIGIÕES AFROBRASILEIRAS. Aos adeptos das Religiões *sudanesas* — Ioruba ou Beniniana — é necessário um autêntico anúncio do Evangelho, já que estas religiões *não são cristãs,* mas *naturais,* como é o caso do TAMBOR ou CASA DE MINA, CANDOMBLÉ ou BATUQUE. Quanto às de origem *banto,* como a MACUMBA, UMBANDA e QUIMBANDA, mais permeadas de elementos doutrinais cristãos, numa visão kardecisada, por terem perdido muito do seu conteúdo mítico primitivo, far-se-á urgente, sobretudo, o discernimento dos elementos de origem católica, africana, kardecista ou esotérica, que se confundem em seu sincretismo doutrinário. Esta confusão embasa o ataque dos pastores pentecostais às Religiões Afrobrasileiras, conquistando-lhes os adeptos, especialmente, Negros e mulatos. Neste setor, a Pastoral da Igreja, ainda está quase imóvel ante a vastidão do problema. É premente a conscientização e a atuação ajustada à magnitude do problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Jorge Antônio, 1987/01 — "Milagres Eletrônicos", em JORNAL DO BRASIL, 3ªf., 03/nov/1987 — cad. "Cidade", p. 1.

COSTA, Valdeli Carvalho da, 1987/02 — "Cabula e Macumba", em *Síntese* (Nova Fase), nº 41, pp. 65-85.

FREYRE, Gilberto, 1066[13] — *Casa Grande & Senzala* (2 vols.), José Olímpio Editora, Rio de Janeiro.

MAGALHÃES, Couto de, 1897 — *Anchieta, raças e as línguas indígenas,* São Paulo.

RAMOS, Arthur, 1943/01 — *Introdução à Antropologia Brasileira* (2 vols.). 1943: 1º volume; 1947: 2º volume; (1947-1951)[2]. Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro.

TAUNAY, Afonso de E., 1941 — "Subsídios para a História do Tráfico Africano no Brasil Colonial" em *Anais do Congresso de História Nacional* 3º. Rio de Janeiro, pp. 523-676.

THYS, Bruno & Lilian Newlands, 1988/01 — "Crescidos e Multiplicados" — Do bar à televisão, os evangélicos dominam, a partir das Igrejas, um mercado milionário", em JORNAL DO BRASIL, 4ªf., 40/07/1988 — cad. "Cidade", p. 1.

PÉ DE PÁGINA

Pe. Marcos de Lima, SDB

Não basta

Bíblia — "Se alguém me ama, guardará minha palavra", Jo 14,23.

Leitor — Guardar: praticar, cumprir, observar, executar. Não basta ser debatedor da palavra de Jesus nem especialista categorizado de propaganda evangélica. Cada um é convocado para ser luz, sal, fermento através da configuração com sua pessoa e suas obras.

Só entra sem bagagem

Bíblia — "Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida", Mt 7,14.

Leitor — Só se pode entrar sem bagagem. A riqueza é uma forma concreta de nos fecharmos aos apelos de Deus, obturando a fonte da vida. Não pode caminhar quem leva coisas demais: riquezas, títulos, apego às próprias idéias, opiniões, afetos, pessoas, lugares... Não há forma criativa de viver a pobreza possuindo bens úteis e supérfluos.

VIDA RELIGIOSA, CIVILIZAÇÃO PLANETÁRIA E CULTURA DE MASSAS

Qual o sentido e quais as tarefas da Vida Religiosa no novo mundo que se anuncia, nessa virada de milênio? Esse novo mundo não é necessariamente um mundo admirável, mas certamente é um mundo diferente daquele em que fomos criados e do mundo dos nossos pais. Está em gestação uma civilização planetária, simultânea a uma cultura de massas. Esta nova realidade questiona profundamente a Vida Religiosa.

Pe. Martinho Lenz, SJ
Porto Alegre, RS

Qual o potencial evangelizador da Vida Religiosa num universo que se transforma e recria em plano mundial?

As presentes reflexões sobre a civilização planetária e a cultura de massas, nessa virada de milênio, ao tentar encaminhar algumas respostas a essa pergunta, se colocam sob a luz da opção por uma vida consagrada mais evangelizadora, feita em Puebla (1979) pelos bispos da América Latina. O que pode significar essa opção para um mundo de mega-metrópoles, das novas potências emergentes, cercadas por imensas áreas de pobreza, de um mundo dominado pela ciência e pela técnica, mas em que a ética entrou num perigoso declínio? Que desafios coloca para o homem e a mulher religiosos (e para seus Institutos) um mundo de produtos culturais massificados, da era da eletrônica e do relativismo cultural?

Puebla nos pede uma vida religiosa mais intensa e radical, de "entrega e reserva para Deus, generosa e total, a serviço da Igreja e de todos os homens" (nº 759). Dizendo isso, os bispos querem "estimular os religiosos e religiosas a atingirem, com sua ação evangelizadora, os ambientes da cultura, da arte, da comunicação social e da promoção humana, a fim de darem a sua contribuição evangélica específica, de acordo com sua vocação e situação peculiar na Igreja" (nº 770). Puebla fala ainda da necessidade de renovar "a vitalidade missionária dos religiosos e a atividade

de generosa disponibilidade que os leva a dar respostas eficazes e concretas ao problema da hodierna desigualdade de distribuição de forças evangelizadoras" (nº 773), desigualdades não só em termos territoriais, mas também setoriais, diante do peso novo que passaram a assumir áreas com os da comunicação social e da informática.

Esse artigo não quer traçar o panorama completo da civilização e da cultura do nosso tempo; mais modestamente, enfocará alguns traços do cenário da humanidade de nossos dias, buscando identificar tendências e possibilidades, relacionando essa realidade com a Vida Religiosa. Se desse esforço de imaginação e reflexão resultar maior lucidez e coragem de nossas opções pessoais e institucionais como resposta evangelizadora a esses desafios, o esforço despendido em preparar esse artigo (e em lê-lo), terá valido a pena.

1. O MUNDO DA CIVILIZAÇÃO PLANETÁRIA

Nossa atual civilização, chamada de "planetária", é herdeira do passado, como tantas outras que nos precederam. Houve poucas civilizações originais, como nos advertiu Arnhold Toynbee, um historiador das civilizações (1). Ele distingue entre civilizações originais e civilizações derivadas. Entre as originais, ele coloca a egípcia, a sumeriana, a chinesa, a maia e a índia. As demais, inclusive a nossa tecnológica, surgiram de civilizações anteriores, suplantadas por novas civilizações que buscaram, em novas situações de população, recursos e tecnologia, resolver os problemas de subsistência material e organização social da população. As civilizações só prosperaram e se mantêm na medida em que resolvem satisfatoriamente esses problemas. É a visão da história como desafio e resposta, que ajuda a compreender a nossa realidade como atores da história. A fase atual da nossa civilização tecnológica pode ser chamada de planetária, como um traço distintivo em relação às civilizações precedentes. Pela primeira vez na história da humanidade, os homens têm condições técnicas para se comunicarem instantaneamente e para construírem, pelo uso efetivo dos meios de comunicação, uma civilização universal. A comunicação tecnificada e onipresente, praticada de muitas formas, mas sobretudo pelo rádio e pela televisão, possibilitaram a criação de uma civilização comum a um número cada vez maior de pessoas e povos, pela adoção de padrões científicos e tecnológicos semelhantes, pela aceitação de um certo número de valores comuns e pela superação de distâncias através de uma formidável rede de transportes cada vez mais rápidas e de sistemas eletrônicos de comunicação instantânea.

1.1 Diversificação social e concentração de poder político e econômico

Um primeiro grande traço de nossa civilização pode ser apontado no aparente contraste entre diver-

sificação social e concentração real de poder político e econômico no nosso mundo.

Um mundo que se diversifica

A diversificação é um traço facilmente observável em nossa civilização crescentemente urbana, formada pela agregação de vastas populações em cidades, metrópoles e megalópoles. A complexidade da economia e diferenciação cultural moderna exigem crescente divisão de trabalho e especialização de papéis, tarefas e ocupações. A especialização pode ser também de espaços sociais, áreas dentro de uma cidade, região ou país (áreas ou cidades industriais, comerciais, turísticas). A especialização é uma das condições do progresso da civilização atual, pois permite aumentar o preparo e competência do trabalhador, sua destreza e conseqüente eficiência na produção. As vantagens da especialização são muitas: a moderna pesquisa científica seria inviável sem o trabalho de equipes de pesquisadores altamente especializados, cujos esforços se integram e complementam. Além disso, a diversificação e concentração de especialistas num mesmo lugar — oficina, repartição ou laboratório — permitem concentrar recursos e intensificar o uso econômico de equipamentos cada vez mais sofisticados. A especialização leva à eliminação do ofício, como competência geral em um campo. As novas condições de trabalho alteram-se profundamente com a especialização: a racionalização do trabalho pode levar e freqüentemente levou à alienação do homem no trabalho. O especialista, como se costuma dizer, é o que entende mais e mais sobre menos e menos, até ao limite de entender tudo sobre nada! Grave é a crescente perda da visão do todo e do próprio sentido do seu trabalho, muitas vezes reduzida à repetição até à exaustão das mesmas rotinas, dos mesmos gestos. Aumenta o poder nas mãos de quem controla o processo, de quem tem a chave do segredo da máquina, da empresa ou da burocracia. Outro fenômeno decorrente da especialização são as chamadas doenças profissionais, uma forma sofisticada de submissão do homem aos mecanismos da produção, sob o controle de interesses do capital ou de razões de Estado.

Não é por acaso que crescem hoje as reações de defesa do trabalhador — do operário de linha de produção ao cientista dos modernos complexos de pesquisa, exigindo condições humanas de trabalho com a preservação de sua saúde física e mental. A robotização do homem não é tema apenas de ficção científica, mas parte da luta quotidiana do homem da civilização tecnológica. No seu extremo oposto, a reação corporativa das profissões pode gerar novos problemas para os conjuntos dos setores de uma economia, na medida em que a defesa dos interesses de um grupo de trabalhadores torna difícil ou inviável a vida dos outros segmentos, que dele dependem. Ouvem-se queixas de líderes sindicais referindo-se aos problemas que as greves de outros setores trouxeram para a luta de sua própria corporação. Ao lado das vantagens decorrentes da cres-

cente eficiência, a especialização cria problemas específicos, pela dependência cada vez maior de uns em relação aos outros e pelos riscos que a falta de solidariedade pode trazer ao desempenho da economia e da sociedade.

Nossa civilização tornou-se planetária pela superação de fronteiras geográficas e ideológicas, e pela ocupação, cada vez mais homogênea de espaços físicos e culturais. As últimas fronteiras geográficas do planeta estão sendo conhecidas, ocupadas e com freqüência assustadora, destruídas. Entre essas fronteiras estão as últimas matas equatoriais, da Amazônia e alguns países da África. O problema ecológico é tema que se agudizou em nossa época, devido em grande parte à ação do homem e ao sistema industrial moderno por ele criado. A questão ecológica está profundamente vinculada a toda uma mudança de valores de nossa civilização, uma questão que iremos aprofundar mais adiante.

Novas formas de concentração de poder

A crescente produção e aumento de riqueza e aumento de meios de exercer o poder criaram novas formas de concentração política e econômica.

O mapa geopolítico do mundo está mudando, neste final do milênio. Nos anos depois da guerra, ao mesmo tempo em que antigas colônias da África e Ásia proclamavam sua independência política, ocorria a divisão do mundo em dois grandes blocos imperialistas, comandados respectivamente pelos Estados Unidos da América e pela União Soviética. À sombra e na dependência destas superpotências e de suas aliadas, vegetavam países e regiões subdesenvolvidos, cuja pobreza e atraso relativo cada vez mais claramente apareceriam como condicionados aos interesses das nações hegemônicas. O fosso crescente entre ricos e pobres, caracterizado dramaticamente por enormes e impagáveis dívidas externas, foi acumulando tensões internas e preparando rearranjos em nível internacional. Uma das tentativas de escapar ao cerco imperialista é o movimento dos países não alinhados, que mantêm uma relativa autonomia frente à polarização Leste-Oeste.

Paz Armada

Nossa civilização planetária é uma civilização armada. A rivalidade entre as duas maiores superpotências, após o segundo conflito mundial, resultou numa corrida armamentista que contagiou muitas nações. Os programas militares da URSS consumiram em 1988, 300 bilhões de dólares, aproximadamente 17% de seu produto nacional. Os EUA não ficam muito atrás dessa cifra, que é considerada excessiva por ambos os países. As reformas de Gorbachov, a *perestróika*, estão afrontando os interesses militares na União Soviética, interesses que são um obstáculo importante na revitalização econômica do país. Os EUA relutam em enveredar pelo caminho do desarmamento.

A guerra fria explodiu em muitas guerras abertas, nesse mundo da

paz armada. Segundo estatísticas da ONU, de 1945 a 1985 morreram cerca de 20 milhões de pessoas em confrontos armados, um total muito superior ao das vítimas diretas das duas grandes guerras deste século. Em 1987 houve 22 guerras com mais de mil mortes cada e 36 guerras e conflitos menores. Jamais houve tantas guerras como existem hoje, nem tantos combatentes com armas tão mortíferas. Entre as situações mais dramáticas estão os países dilacerados pela guerra civil, como é o caso do Líbano ou o de Moçambique. Neste último país, de língua portuguesa, de 14 milhões de habitantes, o governo (de orientação marxista) e a guerrilha (pró-Ocidente) estão em luta desde 1976; a guerrilha domina dois terços do interior do país e controla diversas áreas urbanas, sendo apoiada pela África do Sul. A fome tornou-se um estado permanente deste povo flagelado pela guerra e por secas periódicas que, só em 1983, levaram à morte 100.000 pessoas. A guerra civil e a fome impeliram dois milhões de moçambicanos a viver uma vida de nômades e a buscarem abrigo em mais de 100 campos de refugiados, espalhados pelo pais. A grande aspiração deste povo é a paz, que parece cada vez mais distante, enquanto potências do exterior e os comerciantes de armas continuam a estimular uma guerra que serve aos seus interesses (2).

Dívida externa:
quase uma outra guerra

Outra guerra, menos alardeada mas por certo não menos mortífera, é a guerra da dependência e da dívida externa. A dependência das nações periféricas em relação às grandes potências centrais conduziu a uma situação de exploração. Uma das formas mais comuns de exploração se dá no comércio entre nações, através de um mecanismo conhecido como "deterioração dos termos de troca". Por esse mecanismo, os produtos primários e semi-industrializados das nações periféricas têm os seus preços aviltados em comparação aos preços excessivamente altos dos produtos industrializados, da tecnologia e do capital importado. Em inícios de 1989, a dívida externa total do terceiro mundo ultrapassava 1,2 trilhão de dólares, dos quais cabiam US$ 431 bilhões aos países da América Latina (figurando o Brasil em primeiro lugar na lista com US$ 116 bilhões, correspondendo a 37% do nosso produto interno bruto). Uma conseqüência preversa dessa dívida do terceiro mundo é o custo social decorrente dos pesados encargos que a dívida exige. Segundo o estudo do Banco Mundial, 900 milhões de pessoas dos países pobres tiveram a qualidade de suas vidas rebaixada na última década por causa da crise da dívida. A continuar a atual tendência, segundo o mesmo estudo, a dívida externa causará a morte de 18 milhões de crianças por ano, ao final deste século (3). A crise da dívida, que começou em 1982, chegou hoje a uma situação absurda. Atualmente, os pagamentos devidos pelos países dependentes excedem do fluxo de novos empréstimos. Para cumprir seus compromissos, algumas nações mais pobres do mundo estão transferindo parte de

seu capital para as mais ricas (4). A mesma fonte (Revista "Time") diz que em 1987, a América Latina realizou um pagamento líquido de US$ 20 bilhões ao exterior. São os pobres financiando os ricos. Até quando, meu Deus? A situação, que envolve graves questões de justiça nas relações internacionais, foi objeto de um documento, lançado em 1986 pela Pontifícia Comissão "Justiça e Paz", que dirige um apelo dramático às nações ricas e homens de boa vontade para que busquem soluções de justiça e solidariedade para o problema da dívida dos países em desenvolvimento, "antes que seja tarde demais" (5).

O capital transnacional

Um dos agentes mais poderosos da nossa civilização planetária é o capital transnacional ou as empresas multinacionais. Essas firmas invadem hoje os espaços econômicos dos Estados, do que resulta freqüentemente uma desestabilização dos sistemas produtivos nacionais. Mais que isso, o capital transnacional transforma a economia internacional em um só e único processo produtivo mundial. Desde 1971, a produção das empresas transnacionais excede o montante das exportações em todo o mundo. Essas firmas, que operam com filiais em diversos países, distribuem os seus investimentos conforme melhor lhes convêm, sem se importar com as conseqüências sociais de suas decisões, como é o desemprego pelo fechamento de indústrias pouco rentáveis em um lugar. A economia transnacionalizada tende a crescer de forma constante: em 1968, 23% do produto nacional bruto mundial era controlado por essas empresas; em 1978, eram 33%; em 1988, passara a 41%; e para 1998, calcula-se que será 53%. Enquanto não existir uma autoridade mundial, essas empresas continuarão operando por cima das fronteiras, a serviço dos interesses de seus acionistas, que é o maior lucro, o que em geral pouco tem a ver com o bem-estar do povo do lugar ou do país onde operam essas empresas, ou com conservação do meio-ambiente (6).

Declínio das grandes potências e emergência de novas

A concentração de poder político e econômico em grandes conglomerados e em Estados poderosos é uma constante da nossa civilização tecnológica, mas isto não quer dizer que esse poder não possa mudar de mãos. É o que está se esboçando, na passagem desse milênio. Estudo recente, lançado pelo historiador Paul Kennedy, em Nova York, em 1989, diagnostica a situação dos EUA como a de uma nação líder em relativa decadência. As razões desse declínio estariam no excesso de compromissos militares assumidos pelos Estados Unidos da América, para garantir domínios e áreas de influência, obtidos durante o auge do império, o que resultou numa enorme dívida externa. A presença americana se faz sentir, e de forma persuasiva, nos cinco continentes, por comandos militares estratégicos, e por sua ampla rede de espionagem e contra-espionagem. O estudo identifica também, como outra causa de declínio, um inade-

quado sistema de ensino. Também a URSS estaria em declínio, por causa semelhante: um excesso de gastos militares. Acresce a isso um histórico fracasso no setor agrícola, que consome 30% dos investimentos totais, contra 5% nos EUA. Segundo o mesmo autor, as novas potências do século são: Japão, a China e a Europa. O Japão é hoje o maior país credor do mundo, com um investimento líquido no exterior de US$ 240 bilhões. Em 1988, pela primeira vez, o Japão ultrapassou os EUA no orçamento de ajuda externa: US$ 10 bilhões contra 9,2 dos EUA. Sem encargos militares, o Japão se caracteriza pelos hábitos de frugalidade e amor ao trabalho de seu povo. A China, embora atingida por uma crise interna em maio de 1989, com violenta repressão contra manifestações pródemocracia, constitui um mundo à parte, com 1,1 bilhão de habitantes, formando um imenso mercado, com incipiente abertura ao Ocidente (e quem sabe, com uma chance para o cristianismo!). Na Europa, 12 nações com 320 milhões de habitantes pretendem remover, até dezembro de 1992, as barreiras nacionais e preparar-se para formar os Estados Unidos da Europa. Em junho de 1989, esses países tiveram eleições para escolher 434 eurodeputados para o Parlamento Europeu, com sede em Estrasburgo, na França. A missão desse Parlamento é um sinal dos tempos: preparar a unificação da Europa, lançando pontes sobre barreiras do nacionalismo, dos conflitos étnicos e fronteiriços, de culturas distintas e de diferentes sistemas políticos, tudo em nome da consciência de que a unidade pode amanhã ser a condição para a sobrevivência.

Diversificação, Concentração de Poder e Vida Religiosa

Os desafios de uma civilização planetária para a vida religiosa poderiam causar vertigem para quem pensasse em enfrentar esse mundo apenas firmado na força humana. O religioso é chamado a testemunhar Deus e os valores da fé nesse mundo da especialização e da concentração do poder econômico e político.

Como será isso possível? Vamos pensar juntos. O religioso é chamado a entender o homem superespecializado do nosso tempo, voltando ele mesmo a ser especialista no que lhe é mais próprio: na experiência de Deus, em humanidade e no sentido da vida. Sentido pleno e último, que não se contenta com o bem-estar material nem se deixa escravizar pela eficiência na produção. Ao homem dilacerado e dividido, o religioso pode ajudar a reencontrar sua unidade; ao homem robotizado fará reencontrar o sentido da dignidade, da liberdade, da criatividade. Ao homem de um país dominador ajudará a desconfiar do fato de que parte de sua riqueza pode ter origem na injustiça; ao homem explorado do terceiro mundo será presença para não deixar-se vencer nem pelo desespero nem por aspirações de revanche.

Antecipando um novo homem em uma nova sociedade, justa, igualitária e fraterna, o religioso do mundo em que se sofisticam os métodos de dominação, buscará dar um

novo sentido ao poder, tornado poder de serviço, poder a serviço dos demais.

Num mundo da acumulação do consumismo, da opulência de poucos e da pobreza de muitos, o religioso e sua instituição darão testemunho de partilha de bens e de sociedade na pobreza dos pobres, ou não serão nada, definitivamente.

O mundo transnacionalizado necessita urgentemente de uma autoridade mundial, para regular as relações entre os Estados nacionais, superar nacionalismos estreitos e tratar da solução de problemas de caráter mundial, como a dívida externa, a questão ecológica e a manutenção da paz. Terão os institutos religiosos, muitos deles com filiais em diversos países e continentes, pensado em ações visando promover o entendimento entre os povos e a criação de uma comunidade humana planetária? É chegado com dramática urgência, o tempo da ação. O tempo da contemplação inseparavelmente unida à ação transformadora.

1.2 Um mundo fascinado pela Ciência e pela Tecnologia

Nosso mundo é cada vez mais esquadrinhado pela ciência e dominado pela técnica. Nunca dois conceitos gozaram de tanto prestígio como a ciência e a técnica em nossa era.

O mundo começou a mudar para a civilização tecnológica de hoje a partir do momento em que o homem se convenceu de que o mundo é governado por leis, e que, pelo desvendamento do segredo dessas leis (ciência), é possível ampliar o domínio sobre a natureza (técnica). Do micro ao macrocosmo, tudo foi e continua sendo investigado. A pesquisa científica tornou-se hoje um gigantesco empreendimento, planejado e controlado. As empresas e os países investem enormes somas para produzir os avanços desejados, num ritmo controlado e num tempo previsto. Como exemplo, encontra-se hoje em andamento o projeto dos computadores de quinta geração, que deverão ser capazes de realizar operações "inteligentes" e de se comunicar virtualmente da mesma forma como o faz um ser humano.

A ciência ampliou nosso mundo e abriu-nos para espaços novos, insuspeitados. A física nuclear nos permitiu o acesso aos segredos do átomo e das partículas elementares. O homem se aventurou a realizar a fissão nuclear e a usar a energia assim desprendida, tanto para fabricar armamentos como para fins pacíficos. Na outra ponta, a astrofísica e a cosmologia nos deram nova consciência da nossa insignificância no espaço imenso das galáxias e do macrocosmos.

Uma característica de nosso mundo dominado pela ciência e por suas aplicações é o encurtamento do tempo necessário para transformar uma invenção em um artefato industrial: o telefone levou 56 anos, a televisão 12, o transístor 5 e o circuito integrado 3 anos (7).

Por outro lado, cresce hoje também a consciência dos limites da ciência enquanto prática social. Há

consciência do conflito entre as descobertas científicas e interesses econômicos em manter situações criadas. Algumas descobertas científicas anunciadas (talvez prematuramente) e saudadas euforicamente pelo grande público como espetaculares, acabaram revelando-se como falsas. Em menos de dois anos, em 1988 e 89, duas notícias sacudiram o mundo científico: uma anunciando a descoberta da supercondutividade; o outro, a fusão nuclear a frio. O primeiro permitia sonhar com trens levitando, com transporte sem gasto de energia e com acumuladores baratos de energia. O segundo permitiria converter a água do mar em higiênico e valioso combustível, sem necessidade de grandes temperaturas para fusão. Ambos os anúncios acabaram sendo postos em dúvida e depois desmentidos, mostrando que os cientistas erram com mais freqüência do que pensam os que estão do lado de fora do mundo da ciência.

Uma dificuldade do nosso mundo da civilização científica é a questão de como conciliar a fé em um Deus Criador e as teorias científicas sobre o mundo. Um exemplo dessa dificuldade encontramos no livro "Uma Breve História do Tempo", do físico inglês Stephen Hawking. Stephen, considerado um gênio do nosso tempo, que sofre de uma enfermidade neuromotora que o prende a uma cadeira de rodas, levanta em seu livro as perguntas: De onde viemos? Para onde vamos? A resposta que Hawking propõe é que o universo não foi criado nem será destruído mas, simplesmente, é. Para dar apoio a essa idéia, o autor introduz o conceito de tempo imaginário. Deus não entra na história do surgimento do universo, nem como realidade nem como hipótese. Entretanto, Hawking cita o nome de Deus, como ele mesmo confessa, para vender melhor o seu livro, pois, se não fizesse, "as vendas teriam caído pela metade" (8). Assim, Deus passa a figurar como um conceito utilitário...

De novo, coloca-se para a Vida Religiosa o desafio de tornar a fé presente e com sentido no mundo da ciência e da técnica. Deus é um mistério que se revela na História, não é uma hipótese científica. Deus se revela como libertador do homem, como Pai dos homens, ponto de origem e fator de atração final de todo ser existente. Mas isso se dá em um nível diferente das causalidades do mundo da matéria e da energia. Como chegar a esse Deus? Na humildade de quem reconhece a própria fragilidade e finitude, de quem aceita ser iluminado pela fé e atraído pelo amor. Disso, o religioso pode ser e deve dar testemunho num mundo que prescinde de Deus ou o nega abertamente (neste caso, sem base científica, pois Deus não se prova nem se nega pela ciência). Cientistas crentes em Deus, como Einstein, religiosos-cientistas e pesquisadores, dão testemunho da ação de Deus num mundo aparentemente secular, mas que no fundo anseia pelo infinito e pela Vida Plena, anseio que não encontrará realização senão em Deus.

Outro desafio da Vida Religiosa em seu testemunho de fé no meio de um mundo secular é tornar essa

fé operante no campo prático, no uso ético da ciência, posta a serviço da vida e não da morte. A luta pelo uso pacífico da energia nuclear constitui-se em uma causa não só humanitária mas que tem a ver com as exigências da fé. Mas essas exigências vão mais longe, por exemplo, no respeito às leis da vida e preservação da espécie. A consciência de sermos administradores e não donos da vida humana nos impõe limites na manipulação das forças biológicas (bioética) e na defesa e proteção da vida do nascituro, mesmo em caso de malformação. A mesma consciência leva-nos a recusar os diversos tipos de eutanásia ativa, mesmo as disfarçadas sob a capa da compaixão. Obriga-nos ainda a denunciar formas mais ou menos coercitivas de natalidade e todos os tipos de ação ou omissão que ferem os direitos das pessoas e de comunidades humanas.

A ciência tem possibilidade e virtualidades que podem beneficiar milhões de pessoas, salvar milhares de vidas, melhorar as condições de vida de todos. Em que pode o religioso contribuir para orientar a ciência e a animar os cientistas no cumprimento de sua enobrecedora missão?

2. O MUNDO DA CULTURA DE MASSAS

A Nova Evangelização quer ser uma forma de evangelização inculturada ao mundo e ao homem do nosso tempo, em contraposição à primeira evangelização, fortemente marcada, em nosso Continente e em outras latitudes, pela forma européia de viver o cristianismo. A falta de uma nova evangelização inculturada, durante séculos, levou ao aparecimento de muitas formas sincréticas de religiosidade, onde o elemento católico aparece freqüentemente folclorizado e onde o impacto da mensagem de conversão e vida nova em Cristo foi neutralizado ou totalmente anulado.

Essas observações iniciais sobre o assunto já apontam para dois *conceitos* ou duas *dimensões* de cultura que convém analisar. A cultura se refere, primeiramente, à tradição cultural de um povo: a recursos acumulados, materiais e imateriais, que as pessoas e comunidades herdam, usam, modificam e transmitem a seus pósteros. Esses produtos culturais estão como que impregnados de valores, significados e modos de entender a vida, legados por pessoas, grupos ou gerações. Esses objetos culturais agem como reguladores da ação, dentro de margens de liberdade que podem levar à reinterpretação e adaptações e novos usos dos bens culturais. Assim, as igrejas e templos, em seus vários estilos, expressam visões de Igreja em cada época e de certo modo, continuam a moldar essas concepções, embora as adaptações e novos usos também ocorram.

Em outro sentido, que não é independente do primeiro, a cultura significa um modo de vida característico. Envolve valores, normas,

crenças, símbolos, significados, sua interação e relacionamento. Esse conjunto de elementos é adquirido socialmente e se traduz em estilos de vida, modos de agir e reagir típicos de um povo ou cultura.

2.1 Algumas Características da cultura de massas

Um primeiro traço é o seu *caráter multitudinário*. O adensamento populacional constitui fenômeno recente na história da humanidade. Ao tempo de Cristo, a população mundial não passava dos 250 milhões de habitantes. Hoje este número tem que ser multiplicado por cinqüenta. Foi só em meados do século passado que atingimos um bilhão de habitantes. Em 1989, já éramos 5,2 bilhões. Até o final deste milênio seremos 6,25 bilhões e no ano 2025, contaremos em torno 8,5 bilhões de habitantes em nosso planeta, se forem confirmadas as previsões da ONU, hoje bem mais conservadoras que há algumas décadas. Um dado importante: 80% desses 8,5 bilhões estarão em países do Terceiro Mundo, na África, Ásia e América Latina. Fenômeno novo, porque próprio da eletrônica, do rádio e TV, são as audiências multitudinárias. Hoje há acontecimentos cujas imagens são vistas, simultaneamente (ou com poucas horas de defasagem), por mais de um bilhão de pessoas, via rede de satélites. Audiências menores, de dezenas ou centenas de milhões de espectadores, formam-se regularmente para programas diários ou de outra periodicidade. A ninguém deveria escapar a capacidade que esses poderosos meios de comunicações, com suas técnicas de informação e persuasão, possuem para influenciar ideologicamente seus ouvintes. Os meios de comunicação conseguem hoje massificar ideologias, esses sistemas de representações coexistensivos à existência quotidiana das pessoas. No mundo, em larga medida, os meios de comunicação funcionam como aparato ideológico, quer dos Estados Socialistas, donos absolutos desses meios, quer dos Estados Liberais, nos quais os interesses privados de alguns via de regra impõem-se a todos. Uma análise mais cuidadosa da comunicação moderna mostra que em geral a difusão de ideologias e a justificação dos interesses dos grupos e nações hegemônicas não se dá de forma aberta, mas sim latente e diluída, o que torna mais difícil aos ouvintes ou espectadores darem-se conta do imperialismo cultural praticado de forma sutil, embora não menos perniciosa.

Um segundo traço, próprio da era de produção e consumo em massas, é a *padronização* e pseudo-individualização dos artefatos culturais. A própria cultura transformou-se em indústria, a indústria cultural. Essa possibilita a produção em série, e com isso o barateamento de bens e serviços, antes acessíveis apenas a uma minoria. Entretanto, ela também tende à vulgarização dos valores culturais. Sem preocupar-se com a integridade da forma artística, a indústria da cultura interessa-se pela predominância do efeito, no afã de divulgar o produto e aumentar os lucros do empreendimento. As próprias diversões e distrações buscam

apenas proporcionar uma evasão temporária às responsabilidades e à monotonia do quotidiano. Essa evasão, ademais, não é autêntica. Como tenta mostrar T. Adorno em suas análises sobre a televisão, a arte, a música popular e a astrologia, "os produtos dessa indústria simplesmente reproduzem e reforçam a estrutura do mundo de que as pessoas procuram se evadir, na medida em que fortalecem a convicção de que os fatores negativos da vida são devidos a causas naturais ou ao acaso, promovendo assim um senso de fatalismo, de dependência e de obrigação. A indústria da cultura produz um 'cimento social' para a ordem existente" (9).

Essa padronização dos produtos culturais pode ser observada, por exemplo, nos seriados da TV: contam histórias atemporais, desprovidas de toda historicidade. Humberto Ecco, analisando esses seriados, os chama de "mesmice, mascarada de novo" (10), histórias iguais a si mesmas em cada episódio, na variação quase infinita do mesmo, incapaz de produzir rupturas ou vanguardas. Uma conseqüência decorrente dessa repetitividade é a padronização de gostos, desejos, padrões de comportamento dos próprios espectadores, consumidores dos produtos da indústria cultural e dos bens de consumo por ela anunciados. No universo da música, o rock (com algumas exceções) pode ser considerado o exemplo mais visível da padronização cultural, na qual o excesso de ruído e toda a parafernália de efeitos visuais não conseguem esconder a pobreza melódica e indigência das letras (11).

Aprofundando um pouco esta caracterização, parece que se pode identificar nessa moderna cultura de massas uma profunda *relativização de valores.* Existe certamente uma nova escala de valores, que começa com a desmoralização do que é tradicional ou do que tenha sentido de permanência ou uma justificativa religiosa. A cultura de massa do nosso mundo é uma cultura profundamente laica. Criam-se novos ídolos para preencher o vazio de sentido e justificar a exaltação do sensível, do estético, do que satisfaz desejos e expectativas (artificialmente) criadas. Os novos ídolos são constantemente inculcados pelos meios de comunicação em massa. Os meios impõem, por exemplo, uma estética jovem. Nessa estética é feio ficar velho. Crianças são maquiadas e vestidas para parecerem mais velhas, vendendo tudo na TV; cinqüentões fazem de tudo (operações plásticas) para esconderem a idade e parecerem "teenagers". Essa crise de valores pode ser caracterizada pelo predomínio da razão instrumental, técnica, e de prazer imediato sobre quaisquer outras razões. Diante de um produto ou um invento, o homem de cultura de massa pergunta: Funciona? Que vantagens me traz? Proporciona prazer? Não pergunta, por exemplo: O uso desse produto é eticamente recomendável? Não vai prejudicar os outros? Qual seu efeito a longo prazo?

O relativismo busca basear as normas de convívio social no *consenso.* O que todos (ou a maioria) consideram como bom, passa a valer como tal, independentemente de

razões objetivas. Não é uma atitude racional, como sabemos; e uma moral baseada no consenso revela-se extremamente frágil. Como o consenso é difícil de alcançar, introduzem-se padrões convenientes aos donos da situação, freqüentemente prejudiciais aos que têm menos condições de se defender. O relativismo de valores tende a exacerbar o individualismo e justificar a falta de solidariedade como atitude normal em nossa sociedade.

A cultura de massa, em seu conjunto, apresenta aspectos positivos e negativos, luzes e sombras. Essas talvez tendam a prevalecer em nossa cultura, dominada pelos interesses do capital que transforma as melhores criações do gênio humano em mercadorias, e o homem em consumidor insaciável de seus bens culturais.

2.2 Vida Religiosa e Cultura de Massas

Antes de questionar a cultura de massas, a Vida Religiosa deixará questionar-se por ela. Estamos abertos ao novo e diferente desta cultura do futuro, ou apegamo-nos aos padrões do passado, numa cômoda posse do que nos é familiar? Estamos dispostos a aprender a linguagem deste mundo novo, das novas gerações, a linguagem do mundo da eletrônica e da informática, para saber comunicar-nos com ele, conversar com ele usando sua linguagem? Faz poucos meses, um irmão religioso, de 89 anos, pediu licença ao seu superior para fazer um curso de computação. Queria estar atualizado. Um exemplo para muitos, que embora mais jovens, estão perfeitamente acomodados.

Nós, que tivemos dificuldades em adaptar-nos ao moderno, enfrentamos hoje o pós-moderno. Só o faremos com sucesso, se soubermos viver uma Igreja aberta, uma Vida Religiosa inspiradora, não uma entidade corporativa e fechada!

O desafio de uma cultura multitudinária requer resposta adequada, mediante o uso inteligente dos meios de comunicação social. A "Evangelii Nuntiandi" chama esses meios de "versão moderna e eficaz do púlpito", e afirma que "a Igreja viria a sentir-se culpável diante do Senhor se ela não lançasse mão destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados" (nº 45).

Mas é preciso ir mais fundo do que permitem os meios massivos: é preciso trabalhar o mundo dos valores em crise, recuperar a própria identidade do homem como sujeito de sua história e construtor de um mundo que será sua imagem e semelhança. Fazê-lo recuperar sua identidade mais profunda de filho de Deus, de filho no Filho, e, em conseqüência, sua identidade de irmão e sua vocação à fraternidade. Nisto está o fundamento mais sólido de um projeto ético de solidariedade, único capaz de recompor uma cultura que se digladia no individualismo e ameaça naufragar num oceano de interesses privados em choque com o bem comum e de nacionalismos em confronto com um sentido universal.

A ética da solidariedade buscará expressar-se no convívio e na co-

munhão pessoal, para além do anonimato e da impessoalidade no trato entre as pessoas. Reaprender a dialogar, com o desejo de ouvir e ouvir bem o outro, antes de falar, pode ser uma necessidade em comunidades religiosas de pessoas superativas ou simplesmente de religiosos cujos tempos livres são absorvidos assistindo a uma ou várias novelas. A própria telenovela, esse produto simbólico vital para a indústria cultural no Brasil, e que atrai hoje a atenção internacional, mereceria uma discussão em comunidade, para a análise de seus mecanismos e segredos, e a busca de um posicionamento crítico face aos desvalores que veicula (12). Do contrário, os religiosos correm o sério risco de serem tragados pela corrente que deveriam enfrentar.

Voltamos a lembrar o chamamento dos bispos, em Puebla, por uma Vida Religiosa mais evangelizadora. O nosso mundo de cultura de massa aguarda nossa ação não só em extensão mas sobretudo em profundidade. Esta ação evangelizadora da cultura, como nos lembrou Paulo VI na já citada "Evangelii Nuntiandi", quer "chegar a atingir e como que modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contato com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação" (nº 19).

Fazemos isto, pregando não a nós mesmos, mas anunciando Jesus Cristo, o homem para os outros, o Senhor e Recapitulador da história, o Cristo da plenitude (13), modelo de humanidade, até que seja formado em cada um e seja tudo em todos (14).

NOTAS

(1) Toynbee, Arnold. **A Study of History.** London, Oxford Univ. Press, 1934, vol. I, passim. (2) Revista **Time,** ..... 05.05.1986, p. 17, numa reportagem sobre Moçambique com o título "Uma Calamidade de Sangue e Fome" (tradução nossa). (3) Relatório do Morgan Guaranty, citado pela revista **Time,** de ..... 09.01.1989, p. 7, em artigo intitulado "Tocando o Alarme" (tradução nossa). (4) Cf. revista **Time,** 10.10.1988, sob o título "Perdoai-nos as nossas dívidas" (tradução nossa), p. 46. (5) **A Serviço da Comunidade Humana:** uma Consideração Ética da Dívida Internacional, Edições Paulinas, São Paulo, 1987. (6) Um estudo clássico sobre o tema é de Luciano Martins. **Nação e Corporação Multinacional.** Rio, Paz e Terra, 1975 e reedições. (7) Cf. Niskier, Arnaldo. **Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento.** Rio, Bruguera, 1970, p. 17. (8) Hawking, Stephen, em entrevista à Folha de São Paulo, 31.03.1989, p. G-6. (9) Ver: Dicionário do Pensamento Marxista, Ed. Zahar, 1988, verbete **Escola de Frankfurt**, p. 128. (10) Cf. Artigo de Márcia Mendes Almeida, "Para Eco, era eletrônica não produz vanguardas", FSP, 11.02.89. p. H-1. (11) Cf. Bloom, Allan. O **Declínio da Cultura Ocidental**, São Paulo, Best Seller, 1989, Cap. 3: "A Música", p. 866-103. (12) Ortiz, Renato e outros, **Telenovela, história e produção.** São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 181. Sobre a questão da invasão cultural e as manipulações políticas das seitas no Brasil, ver Monteiro Lima. **Os Demônios Descem do Norte.** Rio, Francisco Alves, 1988 (3ª edição). (13) Ef. 1,23. (14) Col. 3,11. □

CONFERENCIA
DOS RELIGIOSOS
DO BRASIL: CRB

NACIONAL

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de outubro de 1989

"Um dia, Jesus estava rezando em certo lugar. Quando terminou, um de seus discípulos pediu-lhe: Senhor, ensina-nos a rezar, como João ensinou aos seus discípulos. Jesus respondeu: Quando rezarem, digam: Pai, santificado seja o teu Nome. Venha o teu Reino...", Lc 11, 1-4.

O primeiro impulso de quem reza é para Deus. É para superar o mundo e sua aparência porque o coração humano está polarizado, de modo insanável, para além de tudo. Algo que o imanta existe e o galvaniza e encanta, impregnado na vida, onipresente e furtivo como o ar que se respira. Um além-fronteira inespacial e atemporal nos atrai e, ultrapassando toda contingência, sacia, de forma inconsútil, os desejos e as aspirações humanas todas do imaginário, do simbólico e do real. Este mistério insondável, suficiência nossa última e absoluta, não é um monstro ou um abismo. JESUS, fiel realizador das promessas de Deus, revelou o seu nome: **PAI**. Só Jesus podia fazê-lo (Mt 11, 27). Em suas mãos podemos entregar nossa vida e nossa morte.

Há filhos rebeldes que fingem dessaber este Pai. E amaldiçoam o seu **NOME**. Há outros frívolos que simulam ignorar o alcance de sua paternidade. E o blasfemam, sem conseguir gerar a conseqüência pretendida. Existem, ainda, enoveladamente entrelaçados, luzes e sombras, fracassos e contradições — realidades que só a fé pode aliviar — que levam a desconfiar deste Pai e de sua misericórdia. Até onde chega a consciência possível para não se extrapolar nem minimizar?

Ora, exatamente, nesta conjuntura, o que pode e deve povoar a solidão de nossos sofrimentos, as tensões e inquietações dos momentos incertos, a angústia de nossas lutas e o abandono de nossa morte, é o amor e a fidelidade deste Pai, a confiança na sua bondade. Nisso se expressam tanto as suas maravilhas quanto a extensão de nosso pecado que ele quer resgatar por ser Pai e todo-poderoso. Por tudo isso e isso não é tudo, num ato de convição que vale como compromisso, **SANTIFICADO**, louvado e adorado, acima de toda honra e glória, seja o seu **NOME**, cuja presença, ora mais suave, ora mais densa, perpassa, de ponta a ponta, agindo em nosso ser e em nosso existir.

Este Deus-Pai tem para nós um **REINO**, isto é, uma **nova ordem** nas coisas todas, para uma **nova história** de todo o criado. Aquela primigênia ordem por ele proposta a que o homem não soube dar resposta, pois este mundo que, no entrocamento de sua estrutura, vive paixões violentas e devoções incompreensíveis, não é ainda o Reino deste Pai. Mas, campo de possibilidades, em aberto e em processo, um dia o será. Sem omissão, portanto, nem apatia, este Reino, com perspectiva histórica viável pelo poder de Deus, é objeto de permanente súplica e obstinada esperança nossa. Que ele aconteça como justiça e paz, unidade e reencontro, fraternidade e **VIDA** livre, digna, abundante. Venha desde já, em germe inicial embora, numericamente inexpressivo e latente como fermento, sal e semente, na aparência do efêmero e superável, até que sua plenitude raie escatológica como o **novo CÉU** numa nova criação definitiva. Com o senso divinatório que a fé nos empresta, vemo-lo de longe e o saudamos. Ele virá. Seu avanço se fará inexorável quando todos perderem o medo de fazê-lo avançar, pois este Reino não se espera. Constrói-se, embora não se reduza às categorias e às obras que vamos construindo.

Eis aí a primeira parte do imperativo basilar de qualquer oração cristã, conforme o ensinamento de Jesus: **PAI, santificado seja o teu Nome. Venha o teu Reino**. FIDELIDADE AO CÉU: a dimensão teológica, a intimidade com o Pai, a comunhão no seu projeto, o eixo de eternidade. FIDELIDADE A SI MESMO face ao mistério de Deus que nos polariza, imanta, galvaniza e encanta. Afastar-se deste rumo é trair o ensinamento do Mestre e domesticar este tropismo irresistível do homem para Deus. Os interesses de Deus e os interesses do homem não coincidem, mas são complementares. Existe entre eles uma íntima e necessária conexão, pois o céu e a terra têm vocação convergente desde a Encarnação, quando Jesus fez de nossa história e nossa humanidade, sacramento e epifania de seu **PAI, Pai nosso, também**.

Desejando-lhe toda PAZ, serenidade e coragem nos conflitos, e todo BEM, sempre ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente,

PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável
Convergência e Publicações CRB